

vida pastoral

julho-agosto de 2023 – ano 64 – número 352



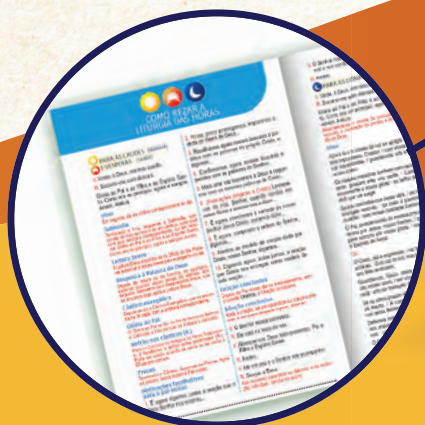
15^o INTERECLESIAL
DAS CEBs:

IGREJA EM SAÍDA, NA BUSCA DA
VIDA PLENA PARA TODOS E TODAS



ASSINE A LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

Uma revista mensal que traz os hinos, salmos, cânticos, leituras, preces e orações a serem rezados e meditados nas horas canônicas.



Nas duas primeiras páginas, encontra-se o esquema a ser seguido nas Laudes e nas Vésperas, bem como os textos comuns do Ofício de Completas. Em seguida, são apresentadas as partes que compõem os ofícios: hinos, salmos e cânticos com as respectivas antífonas, leitura breve, responsório breve, antífona do cântico evangélico, preces e pai-nosso. A liturgia das horas pode ser rezada individual ou comunitariamente – por exemplo, nos encontros de pastoral e formação.

**Entre em contato conosco e garanta já
os benefícios de ser um assinante.**

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

Deveria ter 7 ou 8 anos quando a animadora da comunidade, dona Rimar, me pegou pela mão e me conduziu pela sala da casa do tio Pedro para saudar a todos, no momento do abraço da paz, na celebração do “Dia do Senhor”. Mais tarde, iria gaguejar na primeira prece que faria em voz alta e em público. A palavra “solidariedade” era longa demais para quem ainda estava se familiarizando com as letras. O exercício da solidariedade também é colaborar para que alguém consiga dizer sua palavra. Animaram-me a pronunciar SO-LI-DA-RI-E-DA-DE. Inesquecível.

A celebração dominical, o “Dia do Senhor”, constituía um momento especial de oração e de encontro das famílias em nosso povoado rural, Sítio Angico, em Quixelô, sertão do Ceará. Ali no nosso lugarejo, ambiente dos primeiros afetos familiares e comunitários, o mundo telúrico enchia nossos olhos de esperança, embora nosso lugar “nem estivesse no mapa”, como às vezes costumávamos brincar.

Menino tímido, senti-me querido demais com aquele gesto. Foi tão marcante, que jamais o esqueci. Os afetos tatuam nossa alma. Não tenho dúvidas de que naquele dia, em meu coração de primeira infância, foi plantada uma semente, como aquela semente de mostarda do Evangelho (Mt 17,20), discreta e generosa como são as coisas de Deus.

Nas celebrações, os benditos, no vozerio geral de crianças, jovens e idosos, faziam-se ouvir de longe: “Vejo no mundo tanta coisa errada, a gente pensa em desanimar. Mas quem tem fé sempre está com Cristo, tem esperança e força pra lutar”.

Hoje percebo que, naquele dia, vivi minha primeira experiência na comunidade eclesial de base (CEB). Uma das principais características de uma CEB é a acolhida, o afeto.

E por falar em afeto, recordo o saudoso Pe. João Firmino da Cruz (*in memoriam*), pároco de Bom Jesus Piedoso de Quixelô, que se

misturava em meio aos jovens da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP). A casa paroquial tinha as portas abertas. O chá de cidreira e o pão com manteiga, como não lembrar e não ficar com água na boca!

Pe. João e sua velha picape C10 eram inconfundíveis. Ouvíamos de longe o ronco do motor. Naquele dia haveria missa. O velho carro e o animado padre percorriam as estradas empoeiradas ou enlameadas e quase todas esburacadas nos rincões da sua extensa paróquia. Era difícil não ultrapassar o limite de lotação, porque havia sempre espaço para uma carona. A sorte dele foi que conseguiu articular uma equipe de animadores leigos, jovens e adultos, fazendo valer o projeto pastoral paroquial. As assembleias paroquiais eram bonitas de ver. Salão cheio. Pessoas animadas, trabalhos em grupos e plenárias participativas.

Aprendi muitas coisas da vida e da fé na comunidade de base. Além da espiritualidade, tínhamos a possibilidade de cultivar os vínculos e o sentido de pertença ao grupo, bem como aguçar o senso de responsabilidade social. Atrevíamos-nos até a fazer leitura de conjuntura.

Por isso, é uma alegria entregar a você este número de *Vida Pastoral*, com o assunto de capa do 15º Intereclesial de CEBs. Ainda temos muito a aprender com a experiência das CEBs, imbuída da sabedoria dos simples, da fé e da cultura populares, da capacidade de pensamento crítico e, sobretudo, da centralidade da Palavra de Deus.

Que o Espírito Santo nos anime a pegar na mão das irmãs e dos irmãos e, desde já, fazermos a experiência do céu.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 64 - Nº 352
julho-agosto de 2023



PAULUS

© PAULUS – 2023
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Darlei Zanon, ssp

Editor
Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Darcy Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Darlei Zanon, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philippe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre S. Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

15^o INTERECLESIAL DAS COMUNIDADES ECLESIAS
DE BASE 4

Marilza José Lopes Schuina

ECLESIOLOGIA DAS COMUNIDADES ECLESIAS
DE BASE 14

Benedito Ferraro

CEBs: O LUGAR TEOLÓGICO DA ESPIRITUALIDADE
LIBERTADORA E DA SINODALIDADE 24

Emerson Sbardelotti

A SOLIDARIEDADE COMO POSSIBILIDADE PARA
UM MUNDO PÓS-PANDEMIA: UMA RELEITURA
DA TEOLOGIA DO SERVO SOFREDOR NA PAIXÃO
DE JESUS SEGUNDO O EVANGELHO
DE MARCOS (14,1-16,8) 32

Junior Vasconcelos do Amaral e Gustavo César dos Santos

ROTEIROS HOMILÉTICOS 40

Márcia Eloi Rodrigues

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
(11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91)
3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

15^o Intereclesial das comunidades eclesiais de base



*Marilza José Lopes Schuina é leiga, graduada em Pedagogia, especialista em Avaliação Educacional pela Universidade Federal do Mato Grosso e professora aposentada da rede municipal de ensino de Cuiabá. Integra a equipe Ampliada Nacional das CEBs, o Grupo de Trabalho Formação, Fé e Política das CEBs e o secretariado para o 15º Intereclesial das CEBs.



As comunidades eclesiais de base – CEBs – são a expressão mais concreta de uma Igreja sinodal e em saída para as periferias, como nos pede, insistentemente, o papa Francisco. No contexto do Sínodo sobre a sinodalidade da Igreja, conhecer de perto a riqueza e a criatividade da caminhada das CEBs pode fecundar nosso processo de conversão sinodal. Neste artigo, antes de apresentar o 15º Encontro Intereclesial das CEBs, grande objetivo deste texto, desenvolvo breve reflexão sobre as origens, as características e a preciosidade da caminhada das CEBs, bem como sobre a fecundidade singular dos encontros intereclesiais.

1. AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

As CEBs surgiram no Brasil na década de 1960. Na narrativa de Marcelo Barros, “as CEBs tiveram várias origens ao mesmo tempo. Não se pode dizer: nasceram em tal lugar!” (ANDRADE, 2006, p. 10). O fato é que surgiram diversas experiências suscitadas pela *Ruah* divina, em todas as regiões do Brasil, com nomes variados – por exemplo, círculos bíblicos, grupos de reflexão, comunidades populares etc.; começaram na zona rural e em pequenas cidades e foram se consolidando como comunidades eclesiais de base.

As comunidades eclesiais de base, constituídas por gente que se conhece mediante a partilha da fé e a luta por vida digna, possuem características diferentes, conforme as regiões e as localizações sociais e geográficas em que se encontram. As pessoas se juntam para rezar, refletir sobre a fé e a vida, participar dos sacramentos, tendo a Palavra de Deus como fonte de espiritualidade e alimento para a caminhada.

São comunidades que não estabelecem oposição entre fé e vida: “Não podemos separar a fé da vida, mas, pela fé, viver e realizar ações consequentes para a revelação e expansão do Reino de Deus na história”

(CNBB, 2016, n. 133a). Não fazem distinção entre Igreja e mundo, pois o mundo é o lugar escolhido por Deus para que nele habitemos: “A Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14); “O mistério da encarnação nos ajuda a entender, ainda, que a espiritualidade cristã é encarnada, martirial e pascal” (CNBB, 2016, n. 133c).

Uma das características das CEBs é procurar integrar e relacionar todos os espaços da vida, descobrindo no cotidiano os sinais do Reino de Deus entre nós. São presença da Igreja no meio popular, junto aos mais simples e afastados, seja nos espaços rurais, seja nos espaços urbanos, nas periferias existenciais, onde estão os descartados, as descartadas, os excluídos e excluídas da sociedade.

Vivendo a dimensão comunitária da fé, de inserção na sociedade, de exercício do profetismo e de compromisso com a transformação das realidades injustas e excludentes, as CEBs são uma expressão visível e concreta da evangélica opção preferencial pelos pobres. Com base nessa opção, elas anunciam o Evangelho do Reino a todos e todas e, de mãos dadas, participam nas lutas pela libertação dos pobres e excluídos. Como

ênfatiza o *Documento de Aparecida* (DAP): “As comunidades eclesiais de base têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega amorosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros” (DAP 178).

De fato, as CEBs procuram ser comunidades de fé criativa, enraizadas na prática de Jesus de Nazaré (Gl 4,4) e na experiência das primeiras comunidades, tal como narrada nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47; 4,32-35).

2. OS ENCONTROS INTERECLESIAIS

Os encontros intereclesiais consolidam a rica experiência que anima a vida das comunidades eclesiais de base no Brasil desde a década de 1970, tendo em vista sua articulação em torno da memória viva neles compartilhada e celebrada. Surgem com a finalidade de partilha das experiências, da caminhada, da vida, das lutas, sofrimentos e conquistas, bem como das reflexões feitas nas comunidades ou mesmo sobre as comunidades.

Em 1982, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publicou o Documento 25 – *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil* –, no qual os bispos falam sobre a importância dos intereclesiais: “altamente positivo enquanto dinamiza, aprofunda e sustenta o ânimo das comunidades, que dão igualmente testemunho de vitalidade e ardor pelo Evangelho a toda a Igreja” (CNBB, 1982, n. 85).

Em 2010, na *Mensagem ao Povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base*, os bispos voltam a afirmar a importância da experiência dos intereclesiais:

Os encontros intereclesiais das CEBs são patrimônio teológico e pastoral da Igreja no Brasil. Desde a realização do primeiro, em 1975 (Vitória-ES), reúnem diversas dioceses para a troca de experiência e reflexão teológica e pastoral acerca da caminhada das CEBs (CNBB, 2010, p. 11).

Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia

Darlei Zanon



Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A obra apresenta a relação entre a Igreja católica e a sociedade contemporânea, definida como sociedade em rede. Analisa diferentes fenômenos e sugere algumas hipóteses que sirvam como chave de leitura e apontem uma linha condutora para responder a esses fenômenos e trazer luzes para a reflexão sobre a Igreja hoje.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

“As pessoas se juntam para rezar, refletir sobre a fé e a vida, participar dos sacramentos, tendo a Palavra de Deus como fonte de espiritualidade e alimento para a caminhada.”



Embora as atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora infelizmente não façam referência explícita às CEBs, pois optam por utilizar, como um nome genérico e aglutinador, “comunidades eclesiais missionárias”, as CEBs continuam sua criativa e desafiante caminhada. Por meio do cultivo da memória histórica, da leitura popular da Bíblia, da análise crítica da realidade e do enfrentamento diário dos desafios de ser cristão e cidadão nesta sociedade urbana, tecnológica, inter-nética e profundamente patriarcal, injusta e excludente, as CEBs reafirmam a profecia de uma Igreja pobre e para os pobres, Igreja sinodal e solidária, presente nas bases e em todas as periferias, Igreja que assume o compromisso da denúncia contra todas as formas de opressão e do anúncio do Reino da irmandade, presente como fermento socio-transformador. Elas não se curvam diante da mudança de nomenclatura e continuam a ser comunidades eclesiais de base, preparando-se para celebrar seu 15º Encontro Intereclesial.

Os encontros intereclesiais, segundo a pesquisa e a análise do professor Faustino Teixeira, “além de espaço privilegiado da partilha de experiências e reflexões das comunidades de base, constituem-se também um rico manancial de animação da vida das CEBs” (TEIXEIRA, 1996, p. 13), uma festa que faz brilhar os olhos e aquecer os corações.

3. O 15º INTERECLESIAL

Esse encontro acontecerá em Rondonópolis-MT, em julho de 2023, e traz uma novidade: serão 1.100 participantes, entre representantes das comunidades (antes

chamados de delegados e delegadas), convidados e convidadas. Dois são os motivos para a mudança: 1º) As avaliações dos últimos intereclesiais vêm pontuando a necessidade de repensar a qualidade da participação e o número de participantes nesses encontros, a fim de garantir seus objetivos, que desde o início foram de intercâmbio, troca de experiências, formação e celebração da caminhada das comunidades eclesiais de base, garantindo o protagonismo, a participação dos representantes na construção dos processos de reflexão. Alcançar esses objetivos tem sido difícil, em virtude do grande número de participantes; 2º) A realidade local do 15º Intereclesial não conta com infraestrutura que permita a realização de um encontro com um número maior de participantes.

Isso nos propicia, uma vez mais, refletir sobre a natureza do intereclesial. O que se pretende? O que se quer conquistar? Qual sua finalidade? O fato é que a partilha de experiências e reflexões das comunidades, a dimensão formativa e celebrativa são igualmente fundamentais no processo de preparação e realização de um intereclesial.

O encontro intereclesial não é um evento simplesmente. Faz parte de um processo de animação da vida das comunidades, de articulação da rede de comunidades no Brasil, procurando, assim, manter viva a chama da esperança e da resistência de um “novo jeito de ser Igreja”, Igreja povo de Deus, sinodal e toda ministerial, Igreja dos pobres, com os pobres e para os pobres, Igreja do diálogo, da denúncia profética e do anúncio do Evangelho do Reino e da sociedade de

irmãos e irmãs, Igreja cuja natureza é ser missionária, profética, libertadora, ecológica e sociotransformadora.

3.1. A data do 15º Intereclesial

Pensado inicialmente para ser realizado em 2022, o 15º Intereclesial foi adiado para a data de 18 a 22 de julho de 2023, decisão tomada com base em uma consulta realizada junto a todos os regionais das CEBs do Brasil, considerando:

- a) A convocação, pelo papa Francisco, do Sínodo sobre a sinodalidade da Igreja, que as CEBs podem integrar na preparação e realização do 15º Intereclesial;
- b) O contexto da pandemia do coronavírus e seus impactos no processo de preparação, articulação e animação das comunidades;
- c) A questão financeira das comunidades e dos representantes e a organização do encontro no período pós-pandêmico;
- d) A retomada da vida pós-pandemia, em meio à realidade de famílias enlutadas, de desemprego, de situações existenciais e sociais difíceis;
- e) As eleições em 2022, em face da conjuntura política do país e da necessidade de as comunidades estarem preparadas para o necessário debate político.

Como afirma o Marco Referencial do 15º Intereclesial:

O 15º Intereclesial será a continuidade dos catorze encontros intereclesiais anteriores, com seus aprendizados, suas marcas, seu grito histórico por justiça social, mesmo em meio às contestações e críticas. Fiéis a Jesus Cristo, ao Evangelho, à Igreja, e a partir de Jesus Cristo, neste processo de caminhada, tanto a realização do Intereclesial, bem como as ações após 2023 devem ter a marca da partilha, da

Idolatria do dinheiro e direitos humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo

Jung Mo Sung



256 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Uma análise da sociedade atual, sob o aspecto da economia, em seu sistema chamado neoliberalismo. Sendo o autor teólogo, toda a análise é norteada pelo pensamento teológico, na perspectiva da chamada teologia da libertação.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

celebração, da troca de experiência, da avaliação, do respeito às diferenças, da tolerância, da interação com o outro, do exercício do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, da vivência da igualdade, da abertura para aprender com o outro, a outra, aprender do atual momento histórico da humanidade (INTERECLESIAL DAS CEBs, 15., 2021, p. 28).

Atento às marcas do nosso tempo, o processo de preparação do 15º Intereclesial propicia que as comunidades possam

conhecer a realidade à sua volta e nela mergulhar com olhar da fé, em atitude de discernimento [...]. A comunidade se aviva quando se torna lugar gostoso de participação pela forma de acolhimento, de partilha, de respeito pelo diferente, pela mútua ajuda. Daí a importância de implementar, nas nossas comunidades de base, a cultura do encontro (ibid., p. 29).

Como se pode notar, o desafio é caminhar juntos e juntas e, assim, sermos “CEBs caminhando com Jesus de Nazaré”.¹

3.2. Sobre o tema e o lema do 15º Intereclesial

O Marco Referencial² do 15º Encontro Intereclesial das CEBs apresenta as razões da escolha do tema e lema para esse encontro.

Com o tema “CEBs: Igreja em saída, na busca da vida plena para todos e todas” e o lema “Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra” (Is 65,17ss), as CEBs se desafiavam a tornar concreta e real a solicitação do papa Francisco para “uma Igreja em saída, que vai ao encontro das periferias sociais e existenciais” (*Evangelii Gaudium* – EG). Igreja presente, que anuncia o Evangelho, atinge o coração, para que todos e todas, independentemente de gênero, raça, cultura ou credo, tenham vida plena.

O papa, desde a *Evangelii Gaudium*, não se cansa de insistir na necessidade de uma Igreja em saída, corajosa na missão. Evangelização que deve se dar por atração, e não por proselitismo (EG 14), ou seja, com a missão e o diálogo referenciados na misericórdia, na cultura do encontro, no respeito às diferenças e às identidades.

Uma Igreja em saída não para qualquer lugar, mas para as periferias geográficas e existenciais (EG 20.30.46.191). Saída não com a “catedral nas costas”, o que significa deixar de ser uma “igreja autorreferencial” (EG 95), mas, na gratuidade, oferecer a todos e todas o Reino de Deus. Saída como quem vai ao encontro das realidades do povo sofrido, oprimido, excluído, ou seja, dos pobres, das pobres, dos doentes, dos desprezados e esquecidos, dos preferidos e preferidas de Deus (EG 48). Saída para participar das lutas e dos gritos do povo, para a construção de “um novo céu e uma nova terra”. É a partir

“O 15º Intereclesial será a continuidade dos catorze encontros intereclesiais anteriores, com seus aprendizados, suas marcas, seu grito histórico por justiça social.”

¹ Nesse processo, uma cartilha veio para ficar (<https://cebsdobrasil.com.br/cartilha-cebs-caminhando-com-jesus-de-nazare/>). Trata-se de instrumento importante para ajudar na reflexão sobre a identidade das comunidades eclesiais de base. “Esta cartilha serve para nos explicar melhor o que é uma comunidade eclesial de base, por que a gente precisa se reunir em comunidade e para que e como podemos cumprir a missão que nos foi dada por Deus”. Além de ter sido impressa e enviada a todo o Brasil, o esforço para divulgá-la envolveu a organização de uma caravana formativa, de modo que o trem das CEBs vá passando de região em região, transportando alegrias, experiências e esperanças no caminhar das comunidades, com reflexão, canto e poesia.

² Para conhecer o Marco Referencial para o 15º Intereclesial, acesse: <https://cebsdobrasil.com.br/marco-referencial-para-o-15o-intereclesial-das-comunidades-ecclesias-de-base/>.

dos pobres, dos pequenos, e com eles e elas, que na base da Igreja e da sociedade poderemos criar vida digna para todos e todas. Vida fraterna, solidária e socialmente justa.

O motivo da escolha do tema quer ser também uma resposta a Jesus Cristo e seu Evangelho, acolhendo seu projeto de vida em abundância para todos e todas (Jo 10,10), renovando o compromisso de uma Igreja em saída, almejada pelo papa Francisco. Como opção pastoral da Igreja latino-americana e caribenha desde Medellín, as CEBs

permitem uma *Igreja em saída*, na medida em que formam os fiéis comprometidos com a fé e com os desafios sociais presentes em suas realidades. As CEBs se identificam por seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais pobres. Elas são, como diz o Documento de Aparecida, “a expressão visível da opção preferencial pelos pobres” (Dap 179) (OROFINO, 2018, p. 16).

Como está consignado em nosso Marco Referencial:

O tema e o lema, que nos vem do profeta Isaías, são palavras que ressoam em nós criando imagens, pisando realidade, acordando sonhos e utopias. A utopia nasce da realidade. O sonho que ela encerra brota da ausência. Realidade marcada pela ausência do que se sonha. Ausência de vida, terra, céu. Realidade sofrida. Realidade dura, violenta, até com colorido de morte, mas que não mata a esperança (ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs, 15., 2021, p. 12).

Esperança que se alimenta da utopia, do sonho de Deus para a humanidade. Tal como se afirma no Texto-base do 10º Encontro Intereclesial:

Quando a fé se torna social

Antonio Spadaro



48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

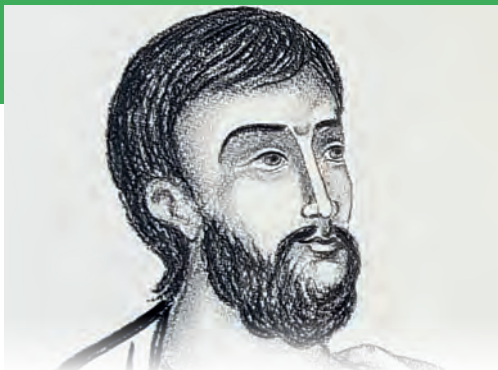
Com base em reflexões sobre as mídias digitais e a fé, a obra apresenta o desafio atual de viver bem nos tempos de redes. A rede não é um novo “meio” de evangelização, mas um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir.



**Aponte a câmera do
seu celular e confira!**

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“É a partir dos pobres, dos pequenos, e com eles e elas, que na base da Igreja e da sociedade poderemos criar vida digna para todos e todas.”

Deus tem um sonho. Por causa desse sonho criou o universo. Por causa desse sonho vem se revelando através de todas as culturas e religiões e no rincão, claro-escuro, de cada coração. Por causa desse sonho arriscou tudo, se fazendo um de nós, no homem Jesus de Nazaré, e n’Ele foi até à morte e morte de cruz! A Criação, a Revelação, a Encarnação são as grandes ações de Deus no intuito – que ninguém pode impedir, porque é divino mesmo – de realizar Deus este sonho (ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs, 10., 1999, p. 75).

Jesus vai nos dizer explicitamente qual é esse sonho de Deus: o Reino! Este é o sonho de Deus para toda a humanidade, para todos e todas. Sonho que se realiza aqui e agora na terra e, depois, lá na plenitude de sua glória definitiva: “Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra”. Este é o sonho de Deus para o universo inteiro, para a Terra, nossa Casa Comum, da qual devemos ser zeladores e zeladoras, cuidadores e cuidadoras. Como entoamos no mantra: “Escuta, acolhe, o outro, a outra, já vem. Escuta, acolhe, cuidar do outro faz bem. Cuidar da outra faz bem. Cuidar do mundo faz bem”.

3.3. O Texto-base do 15º Intereclesial

O Texto-base para o 15º Intereclesial das CEBs³ ajuda a aprofundar o tema e o lema. É um subsídio para as lideranças

das comunidades, para as instituições, organismos e tantos outros grupos que se somam na caminhada das CEBs.

Organizado com base no *ver, julgar e agir*, método consagrado pela tradição da Igreja na América Latina e Caribe, o texto nos provoca a olhar profeticamente “a realidade que nos interpela” (ver) e reconhecer, nos sinais dos tempos, a presença e atuação de Deus.

Em “Horizontes da esperança”, um julgar bíblico-teológico e pastoral oferece luzes que iluminam o caminhar das CEBs: a profecia de Isaías 65,13-25 suscita a utopia, desperta o discernimento e alimenta a esperança. O Movimento de Jesus faz seguir nessa utopia do Reino e conduz a um novo jeito de ser Igreja, Igreja em saída, na vivência da sinodalidade, da comunhão, da missão e da participação, do cuidado com a Casa Comum, da busca do bem viver, da vida plena para todos e todas, da fraternidade e da amizade social.

“O agir das comunidades eclesiais de base na criação de um novo céu e uma nova terra” indica posturas, atitudes e pistas de ações concretas, mostrando o compromisso das CEBs com a prática da justiça social, da ecologia integral, das instâncias de comunhão e participação e do protagonismo dos cristãos leigos e leigas.

As CEBs se colocam a caminho com humildade, sabedoria e coragem profética, para serem sal da terra, luz do mundo e fermento na massa. “Não deixemos que nos roubem a comunidade” (EG 92). **vp**

³ O Texto-base pode ser adquirido pelo e-mail: cebs15rondonopolis@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMPLIADA NACIONAL DAS CEBs. *CEBs: Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas: texto-base*. Cuiabá: Ed. dos Autores, 2022.

ANDRADE, William César. *O código genético das CEBs*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2006.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. 10. ed. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília, DF: Ed. CNBB, 2009.

CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1982. (Documentos da CNBB, 25).

CNBB. *Cristãos Leigos na Igreja e na Sociedade*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2016. (Documentos da CNBB, 105).

CNBB. *Mensagem ao Povo de Deus sobre as Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Paulinas, 2010. (Documentos da CNBB, 92).

ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs, 10. *CEBs: povo de Deus, 2000 anos de caminhada: texto-base*. Paulo Afonso, BA: Fonte Viva, 1999.

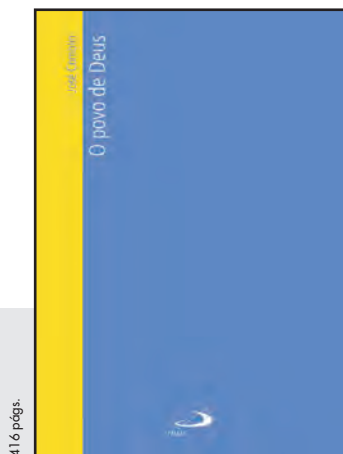
ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs, 15. *Marco referencial do 15º Intereclesial das CEBs*. Rondonópolis: Secretariado do 15º Intereclesial das CEBs, 2021.

OROFINO, Francisco. Francisco e a Igreja em saída. In: CARIAS, Celso; RODRIGUES, Solange (org.). *CEBs: Igreja em saída*. Rio de Janeiro: Iser Assessoria, 2018.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os encontros intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.

O povo de Deus

José Comblin



O livro resgata o conceito de povo de Deus, tendo em vista as contribuições e as mudanças do Concílio Vaticano II. É um convite à reflexão sobre como a Igreja deve ser representada pelos próprios cristãos.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

*Pe. Benedito Ferraro é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e presidente do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular. Tem experiência na área de teologia, com ênfase em teologia sistemática. É assessor continental das comunidades eclesiais de base e membro da Ampliada Nacional das CEBs. E-mail: bferraro@terra.com.br



ECLESIOLOGIA

DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

*As comunidades eclesiais de base (CEBs) nascem e se desenvolvem no mesmo terreno da preparação do Concílio Vaticano II. Com a superação do divórcio entre Igreja e sociedade, sobretudo a partir da **Gaudium et Spes**, as CEBs abrem-se, com base na ligação da fé com a vida, para ampla participação social, econômica, política, cultural e, mais recentemente, também ecológica. Em sua caminhada nestas últimas décadas, as CEBs apontam, com sua prática, para um novo modelo eclesial, que se pauta sobretudo pela vivência da sinodalidade e preconiza cinco características (notas) fundamentais para a vivência da fé cristã no mundo de hoje: o seguimento de Jesus de Nazaré e o projeto do Reino de Deus, a centralidade da Palavra de Deus com a força do Espírito, a espiritualidade profética e libertadora, a opção pelos pobres, o compromisso com as transformações estruturais da sociedade.*

As CEBs são uma experiência eclesial nascida no continente latino-americano e caribenho. São Igreja a partir da base e buscam responder às questões vindas do cotidiano. Como o próprio Jesus e as primeiras comunidades cristãs, elas enfrentaram e enfrentam oposições, quer no interior da própria Igreja, quer na sociedade, razão da presença de tantos mártires em nosso continente. As CEBs são Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus.

INTRODUÇÃO: NOVA COMPREENSÃO DA VIVÊNCIA CRISTÃ A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965)

O Concílio Vaticano II, mais do que um evento, é um processo que ainda hoje está em curso em virtude das contínuas interpretações, nem sempre coincidentes. Teve longa preparação, não somente imediata, com três anos de trabalho, mas nas décadas anteriores, com a busca de nova apropriação da Palavra de Deus como companheira de caminhada, a compreensão do Reino de Deus como anúncio central da pregação de Jesus de Nazaré, a compreensão da Igreja como povo de Deus, a renovação litúrgica, a abertura ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, a ação profética nas lutas dos pobres, a importância do dinamismo missionário, o protagonismo dos leigos e leigas, a redescoberta da colegialidade e sinodalidade exigidas na perspectiva do trabalho em equipe.

Esses aspectos, suscitados pela ação do Espírito e vivenciados em diferentes graus e dimensões em muitas partes do mundo, foram recolhidos e consignados nas constituições, decretos e declarações do Vaticano II, influenciando também as comunidades eclesiais de base, que nascem no Brasil por volta de 1957 e início da década de 1960 e se fazem presentes também em vários países da América Latina e do Caribe. As CEBs fazem a ligação da fé com a vida em suas dimensões econômica, social, política, cultural e ecológica e, por meio da articulação com a Palavra de Deus, agem social e politicamente em busca da justiça, fazendo surgir “um novo modo de ser Igreja” (CNBB, 1999, n. 3).

As CEBs bebem do mesmo contexto do Vaticano II. Estão em sintonia com ele, na medida em que nascem no e do terreno preparado pelo movimento bíblico, pelo movimento litúrgico e pela Ação Católica – especialmente em seus diversos ramos juvenis: Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude



“AS CEBs FAZEM A LIGAÇÃO DA FÉ COM A VIDA EM SUAS DIMENSÕES ECONÔMICA, SOCIAL, POLÍTICA, CULTURAL E ECOLÓGICA E, POR MEIO DA ARTICULAÇÃO COM A PALAVRA DE DEUS, AGEM SOCIAL E POLITICAMENTE EM BUSCA DA JUSTIÇA.”

Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC) –, com a renovação da Doutrina Social da Igreja.

A Ação Católica abriu o caminho para a participação política dos cristãos e cristãs e pôs em prática o método *ver, julgar e agir*, dinamizando-o no sentido de uma prática crítica e transformadora, como já estava delineado na *Mater et Magistra*, n. 235-236, de João XXIII (1961). A *Gaudium et Spes* (GS) indica a superação do divórcio entre Igreja e mundo e aponta para a mútua relação entre essas instâncias, mostrando que pode dar sua contribuição para a construção de uma sociedade que respeite a dignidade da pessoa humana. A introdução da referida constituição pastoral do Concílio indica essa nova relação:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos e discípulas de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração (GS 1).

Abre-se também para a defesa dos direitos humanos: “A Igreja, portanto, por força do Evangelho que lhe foi confiado, proclama os direitos humanos dos homens e mulheres e admite e aprecia muito o dinamismo do tempo de hoje, que promove estes direitos por toda a parte” (GS 41).

1. LIGAÇÃO FÉ-VIDA NAS CEBs: FÉ-ECONOMIA / FÉ-POLÍTICA / FÉ-CULTURAS / FÉ-ECOLOGIA INTEGRAL

As comunidades eclesiais de base já estão, de forma latente, presentes no Vaticano II e podem ser consideradas como um de seus frutos: “Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se consocia a Igreja una, santa, católica e apostólica” (*Lumen Gentium*, n. 26). Elas se estruturam mais fortemente a partir da Conferência de Medellín (1968):

A comunidade cristã de base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão. Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento (CELAM, 1969, 15,10).

Na recepção criativa do Vaticano II no continente latino-americano e caribenho, as CEBs buscaram nos documentos do Concílio orientações para sua ação evangelizadora e missionária:

- a) Uma espiritualidade bíblica (*Dei Verbum*);
- b) Ação transformadora no mundo (*Gaudium et Spes*);
- c) Coordenação partilhada na perspectiva da colegialidade e da sinodalidade (*Lumen Gentium*);

- d) Celebração dominical coordenada por um/a participante (*Sacrosanctum Concilium*);
- e) Abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso (*Unitatis Redintegratio*, *Dignitatis Humanae* e *Nostra Aetate*).

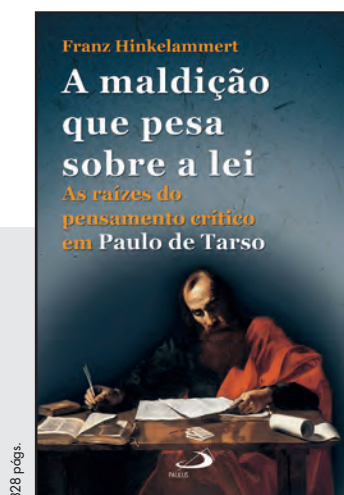
A eclesiologia das comunidades eclesiais também se baseia nos documentos de Puebla (1979), Santo Domingo (1992), Aparecida (2007) e, mais recentemente, na exortação do papa Francisco *Evangelii Gaudium* (2013) e em suas encíclicas *Laudato Si'* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), bem como na Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe (2021). Também colaboram com a compreensão da eclesiologia das CEBs os encontros interesteclesiais das comunidades de base, como o 15º Intereclesial, em Rondonópolis-MT, de 18 a 22 de julho de 2023, e, no continente latino-americano e caribenho, o 12º Encontro Continental de CEBs, em El Salvador, de 12 a 17 de novembro de 2024.

Com esses fundamentos, aos quais se associa o alicerce da Palavra de Deus, por meio da leitura orante e popular da Bíblia, as CEBs fazem a ligação da fé com a vida em todas as suas dimensões, suscitando nova forma de viver, transmitir e celebrar a fé cristã no mundo de hoje:

A inserção nas lutas populares pela libertação tem sido – e é – o início de um novo modo de viver, transmitir e celebrar a fé para muitos cristãos da América Latina. Provenham eles das próprias camadas populares ou de outros setores sociais, em ambos os casos observa-se – embora com rupturas e por caminhos diferentes – uma consciente e clara identificação com os interesses e combates dos oprimidos do continente. Esse é o fato maior da comunidade cristã da América Latina nos últimos anos. Esse fato tem sido e continua sendo a matriz do esforço de

A maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso

Franz Hinkelammert



O livro apresenta uma análise da presença de Paulo na obra de Marx e a crítica que Paulo faz à lei. É dividido em três partes e constituído de dez capítulos, que exploram a Carta aos Romanos e diversos assuntos relacionados ao apóstolo dos gentios.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-0164011

paulus.com.br

esclarecimento teológico que levou à teologia da libertação (GUTIÉRREZ, 1981, p. 245).

1.1. Ligação fé-economia

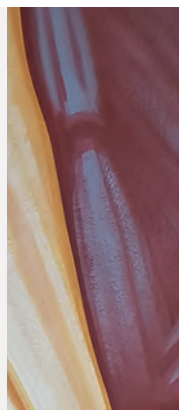
Sabemos que sem trabalho não há vida. Sem trabalho, não podemos celebrar a Eucaristia, pois sem pão e vinho não há liturgia. Cada sociedade produz seus meios de subsistência e se reproduz materialmente, tanto na dimensão biológica como social. Nesse sentido, o trabalho está na base da produção e reprodução da vida. Ele é a chave essencial de toda questão social (João Paulo II, *Laborem Exercens*, n. 3 – sobre o trabalho humano; cf. *Laudato Si'*, n. 128; *Fratelli Tutti*, n. 162). O capitalismo, em sua fase neoliberal (*Fratelli Tutti*, n. 168), está destruindo a centralidade do trabalho e gerando uma multidão de excluídos, que são impedidos de ter suas necessidades básicas satisfeitas. Estamos diante de grande paradoxo: quanto maior o desenvolvimento tecnológico, maior o número de excluídos. A teologia, por ser fiel às raízes fundantes da fé cristã, não pode se calar diante desse *fato maior da exclusão* (ASSMANN, 1994, p. 129; cf. também *Documento de Aparecida*, n. 61.65). Calar significaria aceitar uma sociedade onde não caibam todos e todas. Retomando a tradição bíblica, devemos lembrar que quem tira os meios de vida acaba matando o próximo (Eccl 34,22). Por isso, a teologia não deve se calar diante do processo de exclusão, mas, profeticamente, denunciar a idolatria do mercado e anunciar que a vida, antes de ser

agradável, tem de ser possível: “A satisfação das necessidades básicas torna a vida possível; a satisfação dos desejos a torna agradável. Mas para poder ser agradável, antes tem de ser possível” (HINKELAMMERT, 1984, p. 241).

1.2. Ligação fé-política

Sabemos que a vida é fruto de decisões. Decisão de nossos pais, sobretudo de nossa mãe. Contudo, além dessa decisão em nível pessoal, somos fruto das decisões sociopolíticas. Quantos morrem antes de atingir a idade adulta! “Morrem antes do tempo”, na expressão retomada por Gustavo Gutiérrez das denúncias de morte presentes no início da conquista na América Latina e Caribe (GUTIÉRREZ, 1981, p. 110ss). Assim se expressa Bartolomé de las Casas, para demonstrar que o projeto político da conquista era injusto e desumano: “[...] e quando os índios acreditaram encontrar algum acolhimento favorável entre esses bárbaros, viram-se tratados pior que animais e como se fossem menos ainda que o excremento das ruas; e assim morreram... tantos milhões de pessoas” (LAS CASAS, 1985, p. 30). Essa realidade de morte continua presente no Brasil e nos países da América Latina e Caribe, sem falar nos países do continente africano e asiático e, também, nos pobres que vivem nos países ricos! Pobreza e exclusão significam, em última instância, morte! Na verdade, falar do relacionamento fé-política implica entendermos que a vida é fruto de decisões políticas que podem viabilizá-la ou não. Dessa forma, a falta de alimentos e de

**“AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE
BASE JÁ ESTÃO, DE FORMA LATENTE,
PRESENTES NO VATICANO II E PODEM
SER CONSIDERADAS COMO
UM DE SEUS FRUTOS.”**



moradia, o não atendimento das necessidades mínimas de educação e saúde, a exploração no trabalho e, hoje, o desemprego estrutural, além do desrespeito à cidadania, à liberdade de expressão no campo político, cultural e religioso, configuram uma realidade de morte (GUTIÉRREZ, 1991, p. 304).

A ação política dos cristãos e cristãs deve se pautar pela opção pelos pobres, pois o essencial é salvar a pessoa humana, especialmente a que está sendo excluída, pois Deus clama por meio dos excluídos: “Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial” (*Santo Domingo*, n. 178; cf. *Documento de Puebla*, n. 31-39). A opção pelos pobres é, em última instância, uma opção teológica. É isso que nos afirma G. Gutiérrez:

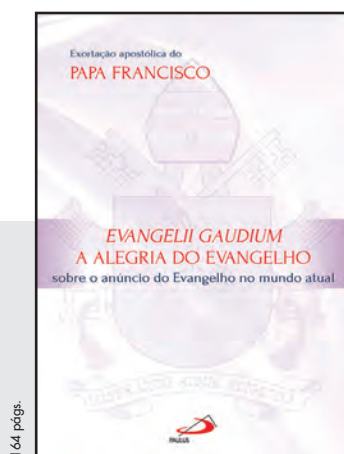
O motivo último do compromisso com os pobres e oprimidos não está na análise social que utilizamos, em nossa compaixão ou na experiência direta que possamos ter com a pobreza. Todas essas razões são válidas e desempenham um papel importante no nosso compromisso, porém, como cristãos, este se embasa fundamentalmente no Deus de nossa fé. É uma opção teocêntrica e profética que lança suas raízes na gratuidade do amor de Deus e é exigida por ela (GUTIÉRREZ, 1991, p. 309-310).

O pobre e o excluído são preferidos não por serem moral ou religiosamente melhores, mas por causa da desumanidade de sua situação!

A opção política dos cristãos e cristãs deve decorrer dessa opção teológica. Os cristãos são chamados a transformar essa realidade injusta e, alicerçados na gratuidade de Deus, fazer que essa opção teológica se torne radicalmente política, ao preservar o humano que está sendo destruído na pessoa dos pobres e excluídos.

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho

Papa Francisco



164 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta exortação tem por objetivo convocar os fiéis cristãos para uma nova etapa evangelizadora, marcada pela alegria do Evangelho. Francisco chama a atenção para o risco do mundo atual, onde brota a tristeza individualista em muitos corações comodistas e mesquinhos.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-0164011

paulus.com.br

“A AÇÃO POLÍTICA DOS CRISTÃOS E CRISTÃS DEVE SE PAUTAR PELA OPÇÃO PELOS POBRES, POIS O ESSENCIAL É SALVAR A PESSOA HUMANA, ESPECIALMENTE A QUE ESTÁ SENDO EXCLUÍDA.”



1.3. Ligação fé-culturas

A cultura é o lugar da identidade. É o lugar onde se faz a experiência de Deus. Do ponto de vista antropológico, não existem culturas superiores ou inferiores. Existem culturas diferentes. Portanto, com relação à fé, as culturas todas são merecedoras de respeito. Todas buscam defender a vida. Na verdade, são como que um segundo meio ambiente, construído pelo ser humano e em contínua construção para poder realizar projetos históricos de vida. Nesse sentido, nenhuma cultura é normativa para a outra (SUESS, 1994, p. 84). Pode haver intercâmbio cultural, mas não pode haver a substituição de uma cultura por outra. Isso seria, na verdade, a negação do outro. Em termos teológicos, seria a negação da encarnação, a negação da epifania de Deus no diferente. Hoje, o fenômeno da globalização da economia, ao homogeneizar o mercado, busca também homogeneizar as culturas. Certamente estamos diante de mais uma ideologia legitimadora da expansão do capitalismo internacional, em sua nova forma neoliberal. Diante dessa avalanche neoliberal, é importante ressaltar a importância das culturas para a fé e, sobretudo, estar atentos para a evangelização das culturas e a inculturação do Evangelho nas culturas.

Como afirma o papa Francisco, “o ser humano está sempre culturalmente situado: natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (*Evangelii Gaudium* – EG –, n. 115). Essa afirmação nos faz compreender que

quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda sua cultura com a força transformadora do Evangelho. E assim, como podemos ver na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas “permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à Tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar”. Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime sua genuína catolicidade e mostra “a beleza deste rosto pluriforme” (EG 115).

Neste sentido, compreendemos também que

não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico. É verdade que algumas culturas estiveram intimamente ligadas à pregação do Evangelho e ao desenvolvimento do pensamento cristão, mas a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas e possui um conteúdo transcultural (EG 117).

1.4. Ligação fé-ecologia integral. A defesa da natureza: tudo está interligado

As CEBs estão assimilando, vivenciando e assumindo o respeito à natureza, mediante sua participação nas lutas ecológicas, como um dos frutos da própria opção pelos pobres, pois toda e qualquer agressão à natureza – “nossa irmã mãe terra” – repercute em

primeiro lugar na vida dos pobres, especialmente mulheres, camponeses e indígenas. A crise social e a crise ambiental são conexas:

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e simultaneamente, cuidar da natureza (*Laudato Si'* – LS –, n. 139).

Por isso, como afirma o papa Francisco, “hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49).

2. CARACTERÍSTICAS (NOTAS) DA IGREJA DOS POBRES

Queremos terminar esta reflexão com a contribuição do caminho feito pelas comunidades eclesiais de base no continente latino-americano e caribenho, ao explicitarem, com base em sua prática eclesial, as cinco características (notas) que as acompanham em seu caminhar nestas últimas décadas e que mostram serem as CEBs “uma experiência de Igreja sinodal” reconhecida pela Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe.⁴

2.1. O seguimento de Jesus de Nazaré e o projeto do Reino de Deus

Seguem Jesus de Nazaré, aquele que, “sendo de condição divina, se abaixou e se fez escravo” (Fl 2,7) e, vivendo sua condição

humana na realidade pobre da Galileia, realizou sua missão, sempre em saída (Mc 1,10.38; 13,1). O centro da missão de Jesus Cristo está no anúncio do Reino de Deus. Jesus indica que o Reino está no meio de nós e caminha até a plenitude. Com esse Jesus, que experimentou a perseguição, conheceu a dor e o sofrimento e, morrendo, abriu, pela sua ressurreição, novo horizonte de vida, as CEBs querem continuar o projeto do Reino de Deus.

2.2. Centralidade da Palavra de Deus com a força do Espírito

As CEBs sentem-se impulsadas pelo Espírito de Deus, a quem Jesus chamava *Abba* e com quem se relacionou como Filho amado. Nessa experiência de proximidade, sentem-se convocadas para escutar e acolher a Deus na vida, nos acontecimentos do dia a dia e do mundo. Elas reconhecem os sinais dos tempos, que o Espírito lhes segue indicando, para continuar a missão. É com base nessa dinâmica que as CEBs assumem os textos da Bíblia, buscando neles luz e força para reconhecer a vontade de Deus, o caminho que têm de seguir e as ações que devem implementar. A Sagrada Escritura, Palavra de Deus, é caminho em que pode se reafirmar hoje a esperança de um mundo onde mulheres e homens, jovens e crianças vivam com dignidade no amor.

2.3. Espiritualidade profética e libertadora

As CEBs expressam sua fé por meio do anúncio e da denúncia profética, rompendo com as correntes injustas e assumindo a dimensão libertadora. Sua espiritualidade está encarnada nas realidades cotidianas, onde experimentam a presença de Deus na própria vida. Essa espiritualidade é vivida no seguimento de Jesus, a exemplo de Maria do *Magnificat*, e é impulsionada pelo testemunho dos(as) mártires, que são modelo de ação na

⁴ Cf. o texto integral da Articulação Continental das CEBs: <http://paroquiasaogeraldo.com.br/noticia/articulacao-continental-latina-americana-e-caribenha-aponta-aspectos-sobre-identidade-das-comunidades-ecclesiais-de-base/>. Acesso em: 2 fev. 2023.

defesa da vida e dos direitos dos pobres. As CEBs saboreiam e celebram a fé e a vida em todas as suas dimensões – econômica, social, política, cultural e ecológica –, e o fazem de forma festiva, criativa e participativa, cultivando a memória pascal de Jesus.

2.4. Opção pelos pobres

As CEBs vivem sua opção pelos pobres entre eles e com eles, compartilhando as alegrias e dificuldades do dia a dia, na busca de uma sociedade sem desigualdade, injustiça e opressão. Os pobres conhecem o sofrimento, mas sabem que Deus não os abandona nunca. A opção pelos pobres é teológica, cristológica, pneumatológica e eclesiológica. Como diz o papa Francisco:

A opção pelos pobres é uma categoria teológica antes que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus lhes outorga “sua primeira misericórdia”. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a ter “os mesmos sentimentos de Jesus Cristo” (Fl 2,5) (EG 198).

As CEBs reconhecem a força histórica dos pobres e, a exemplo de Jesus, assumem suas causas, vendo neles os protagonistas das transformações estruturais da sociedade e apontando para um projeto que garanta a vida plena, em harmonia com a mãe Terra.

**“O CENTRO DA MISSÃO
DE JESUS CRISTO ESTÁ NO
ANÚNCIO DO REINO DE DEUS.
JESUS INDICA QUE O REINO
ESTÁ NO MEIO DE NÓS E
CAMINHA ATÉ A PLENITUDE.”**

2.5. Compromisso com as transformações estruturais da sociedade

As CEBs:

- Buscam responder aos sinais dos tempos, ao denunciar a injustiça institucionalizada e o pecado social que mata a vida por meio de uma economia de exclusão, da idolatria do dinheiro que domina em vez de servir, gerando violência contra os pobres (EG 53-60).
- Assumem que a luta social e ecológica é uma única luta, porque estão convencidas de que “outro mundo é possível, urgente e necessário”. Isso implica tríplice mudança: pessoal, coletiva e estrutural. Não é possível, como diz o papa Francisco, haver famílias sem teto, sem trabalho e sem terra.
- Participam de projetos alternativos, sustentáveis e equitativos e os reforçam, apontando para novo modo de produção e consumo socioambiental.
- Identificam-se com a proposta do bem viver, do bem conviver, que vem dos povos originários, assumindo-a e indicando valores e estilo de vida contrapostos ao atual sistema.
- Procuram participar das lutas dos movimentos sociopopulares e políticos que assumem o compromisso com a transformação estrutural.

Esse modo de ser e viver a Igreja e anunciar uma sociedade alternativa é um processo inacabado, aberto ao Espírito, até que cheguem os novos céus e a nova terra (Ap 21). **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da exclusão*. São Paulo: Paulus, 1994.
- CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: conclusões de Medellín*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus: Paulinas; Brasília, DF: Ed. CNBB, 2007.

CNBB. *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1982. (Documentos da CNBB, 25).

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Pobres y opción fundamental. In: ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon (ed.). *Mysterium Liberationis*: conceptos fundamentales de la teología de la liberación. San Salvador: UCA, 1991. t. 1.

HINKELAMMERT, Franz. *Crítica a la razón utópica*. San José de Costa Rica: DEI, 1984.

JOÃO PAULO II. *Laborem Exercens*: Carta Encíclica sobre o trabalho humano. São Paulo: Loyola, 1981.

LAS CASAS, Bartolomé. *Brevíssima relação da destruição das Índias*: o paraíso destruído. 3. ed. Porto Alegre: LPM, 1985.

SUESS, Paulo. O paradigma da inculturação: em defesa dos povos indígenas. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 7, p. 84, abr./jun. 1994.

Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade

Clodovis Boff



728 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

A obra apresenta pesquisas sobre o significado social ou público de Maria nos vários planos: histórico, bíblico, magisterial, dogmático e da devoção popular. Trata-se de obra importante para o avanço da teologia mariana numa área vital e urgente da missão da Igreja, a frente social, especialmente na América Latina.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

Emerson Sbardelotti*

*Emerson Sbardelotti é doutorando e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Agente de pastoral leigo da paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Cobilândia, Vila Velha, arquidiocese de Vitória do Espírito Santo. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia – LERTE. Bolsista Capes. E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com

CEBs:

O LUGAR TEOLÓGICO DA ESPIRITUALIDADE LIBERTADORA E DA SINODALIDADE





O presente artigo pretende apresentar as CEBs como **locus theologicus** da espiritualidade libertadora e da sinodalidade, no seguimento de Jesus de Nazaré, reafirmando o que, desde sua gênese, foram e são vocacionadas a ser: discípulas, missionárias, em saída, samaritanas, servidoras e proféticas.

“DESDE SEU SURGIMENTO, AS CEBs SÃO COMUNIDADES DE DISCÍPULAS E DISCÍPULOS DE JESUS DE NAZARÉ, SÃO COMUNIDADES EM SAÍDA, MISSIONÁRIAS, SAMARITANAS, SERVIDORAS E PROFÉTICAS.”



1. SINODALIDADE E ESPIRITUALIDADE

Depois de 48 anos da realização do 1º Intereclesial das CEBs, em Vitória-ES, que teve como tema “Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”, as CEBs do Brasil promovem em 2023, dentro das comemorações dos sessenta anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, grande celebração da esperança que jorra do sangue derramado dos(as) mártires da caminhada latino-americana e caribenha, os quais nos antecederam e mostraram o caminho, como testemunhas e profetas do Reino da vida: o 15º Intereclesial das CEBs. Este artigo é singela homenagem a D. Pedro Casaldàliga e Reginaldo Veloso – o presbítero das CEBs –, que caminham junto de Deus e vivem em nosso coração.

As CEBs, enquanto lugar social, são o espaço da sinodalidade e da espiritualidade libertadora, pois caminham juntas com as novas mulheres e os novos homens, produzindo dentro delas e deles uma transformação, empurrando-as, empurrando-os para o mundo:

Na literatura teológica, canonística e pastoral dos últimos decênios surgiu o uso de um substantivo criado recentemente, “sinodalidade”, correlato do adjetivo “sinodal”, ambos derivados da palavra “sínodo”. Fala-se, assim, da sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja e *tout court* de “Igreja sinodal”. Esta novidade de linguagem, que pede uma atenta e precisa definição teológica, atesta uma aquisição que vem amadurecendo na consciência eclesial a partir do magistério do

Vaticano II e da experiência vivida nas Igrejas locais e na Igreja universal desde o último Concílio até hoje.

Ainda que o termo e o conceito de sinodalidade não se encontrem, explicitamente, no ensinamento do Concílio Vaticano II, pode-se afirmar que a instância da sinodalidade está no coração da obra de renovação por ele promovida (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, p. 13).

Segundo o *Dicionário do Concílio Vaticano II*:

A raiz etimológica da palavra *sínodo* (*syn+hodós*) sugere a ideia de caminhar juntos. A sinodalidade é uma característica da Igreja: ela é uma reunião de pessoas que, tendo Jesus como guia, procuram caminhar juntas; já conforme o Antigo Testamento, ela é uma assembleia convocada por Deus (*kahal*, *ekklesia*). Estar juntos, em comunhão (*koinonia*), sempre foi uma das características da Igreja. Se isso está na raiz de sua natureza, por outro lado se manifesta principalmente quando se reúne, seja para celebrar, orar, comemorar, seja para refletir e tomar decisões importantes em conjunto. É sobretudo nesse último sentido que mais se fixou o significado de *sínodo* na tradição eclesial. Sínodo e Concílio possuem a mesma origem para significar essa realidade de partilha das mesmas preocupações e conjuntamente decisões sobre elas tomar (LIMA, 2015, p. 909).

A palavra “espiritualidade” tem sua raiz na palavra “espírito” (*ruah*, que significa ventania, hálito de vida, sopro). Karl Rahner (apud SBARDELOTTI, 2019, p. 177) dizia que “espiritualidade é viver pelo Espírito”. Jon Sobrino (1992, p. 7) afirma que “espiritualidade é viver com o Espírito”. A espiritualidade acompanha o ser humano desde seu nascimento e pode evoluir ou não com o passar do tempo. A certeza que se tem é que é ela que alimenta a caminhada no seguimento de Jesus de Nazaré. A espiritualidade inspira, evocando mais liberdade e criatividade.

Trata-se de *espiritualidade libertadora*, pois leva a viver segundo o Espírito de Jesus de Nazaré e ter a mesma prática dele. Nas palavras de Pedro Casaldàliga, é a espiritualidade do amor comprometido com os pobres da terra. Um amor político, com suas consequências diárias. A cruz do conflito assumida pascilmente. A solidariedade como expressão real desse amor, pobre com os pobres, fraterno na igualdade efetiva (CASALDÀLIGA, 1988, p. 219).

2. LUGAR TEOLÓGICO

As CEBs, como lugar teológico (*locus theologicus*), são pontes onde passa, perpassa e se encontra o mundo dos pobres, dos oprimidos, dos invisíveis, dos descartáveis. Desde seu surgimento, as CEBs são comunidades de discípulas e discípulos de Jesus de Nazaré, são comunidades em saída, missionárias, samaritanas, servidoras e proféticas. A relação entre fé e vida, experimentada a partir das periferias sociais e existenciais, revela o papel decisivo que essas comunidades desempenham na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, de um outro mundo, novo, possível e melhor.

Todavia, é preciso lembrar que há desafios e perspectivas que não devem ser omitidos no atual momento das CEBs. Francisco de Aquino Júnior faz um alerta:

Cultura urbana: porta para o Evangelho – A conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades

Leomar Antônio Brustolin / Leandro Luís Bedin Fontana (orgs.)



280 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A evangelização nas grandes cidades não é algo que acontece naturalmente. Este livro reúne estudos de diversos especialistas, que abordam a temática em distintas perspectivas: Arquitetura, Antropologia, Ciências da Comunicação, Filosofia e Teologia.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“AS CEBs QUEREM ASSUMIR O COMPROMISSO DE SER UMA IGREJA EM SAÍDA, DESEJADA PELO PAPA FRANCISCO.”

Fato é que esse jeito de ser Igreja foi sendo progressivamente sufocado e marginalizado no conjunto da Igreja. [...] Temos uma Igreja profundamente autocentrada e clerical. Isso ajuda a compreender, inclusive, as resistências que o papa Francisco tem encontrado em seu projeto de renovação eclesial – um verdadeiro “cisma branco” em que, mesmo quando não se fazem críticas abertas e até se tecem elogios a ele (“o santo padre”) e o citam (muito seletivamente!), não se levam a sério ou mesmo se boicotam suas orientações pastorais. E tudo isso desafia as CEBs a repensar seu *lugar* (cada vez mais marginal) e sua *atuação* (cada vez mais profética) no conjunto da Igreja.

[...] Mais do que nunca têm que assumir características de “fermento”, de “sal”, de “luz”, de “semente”. E isso num contexto social e eclesial adversos. Não dá para fazer de conta que nada mudou e continuar organizando grandes encontros intereclesiais como se as CEBs fossem a base de toda a Igreja. [...] Não adianta criticar e lamentar os “novos” rumos da Igreja sem se dispor a viver e construir na base o jeito de ser Igreja das CEBs. [...] Importa atualizar crítica e criativamente esse jeito de ser Igreja no contexto eclesial e social em que estamos inseridos. Sempre nos passos de Jesus de Nazaré, na fidelidade ao Evangelho do Reinado de Deus, na força do Espírito, no serviço aos pobres e marginalizados (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 119; 122-123).

O tema do 15º Intereclesial das CEBs, marcado para os dias 18 a 22 de julho de 2023 em Rondonópolis-MT, já não deixa dúvidas do compromisso e da estética evangélica assumida nesta sociedade que as engloba: “CEBs: Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas”.

O lema do evento – “Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra” –, retirado da profecia de Isaías em seu capítulo 65, versículo 17 e seguintes, é uma lufada de esperança, uma certeza de que o Deus da vida tem um presente reservado a todos, todas nós.

De acordo com o Marco Referencial do 15º Intereclesial das CEBs:

Levou-se em consideração a solicitação do papa Francisco para tornar concreta e real “uma Igreja em saída, que vai ao encontro das periferias sociais e existenciais”. É a Igreja presente, que anuncia o Evangelho, atinge o coração, para que “todos tenham vida plena”, vida não para poucos privilegiados, mas vida para todos e todas, para o planeta, para os povos, independentemente de raças, culturas ou credos.

O motivo da escolha do tema quer ser, em primeiro lugar, resposta a Jesus Cristo e seu Evangelho, acolhendo seu projeto “que todos tenham vida em plenitude”. Em segundo lugar, as CEBs querem assumir o compromisso de *ser* uma Igreja em saída, desejada pelo papa Francisco. As CEBs constatarem, com alegre surpresa, que é possível mudar a *utopia* em “*topia*”. O tema e o lema, que nos vem do

profeta Isaías, são palavras que ressoam em nós criando imagens, pisando realidade, acordando sonhos e utopias. A utopia nasce da realidade. O sonho que ela encerra brota da ausência. Realidade marcada pela ausência do que se sonha. Ausência de vida, terra, céu. Realidade sofrida. Realidade dura, violenta, até com colorido de morte, mas que não mata a esperança (ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs, 15., 2021, p. 12).

O mais significativo, em todos os intereclesiais já realizados e os que estão por vir, é a *partilha de experiências*. É a oportunidade de fazer o relato e refletir sobre como está a caminhada: as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias. É uma fonte inesgotável de animação para as CEBs (SBARDELOTTI, 2022, p. 310).

Uma Igreja que não é sinodal não faz parte da herança de Jesus de Nazaré!

Uma Igreja que não está em saída para as periferias não consegue modificar suas estruturas.

Uma Igreja que não se deixa conduzir pelo Espírito libertador de Jesus de Nazaré está fadada a desaparecer.

Há sessenta anos a Igreja se deixou conduzir e uma grande bênção foi derramada sobre todos(as) os(as) católicos(as): o Concílio Ecumênico Vaticano II.

O Vaticano II é o maior evento histórico da Igreja no século XX e suas inspirações continuam pujantes. Suas constituições, decretos e declarações continuam revivificando a Palavra viva de Deus, no Evangelho de Jesus de Nazaré, na própria vida da Igreja. E o eixo para compreender com clareza isso é o estudo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

Seis décadas depois, novas perguntas devem ser feitas ao Vaticano II, porém a tentação de não serem respondidas ou receberem respostas velhas ronda nossas CEBs.

Ney de Souza afirma:

Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias

Marcelo Barros



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra apresenta as contribuições de dom Helder para o enfrentamento dos desafios de nosso tempo. Dividida em 12 capítulos, utiliza uma linguagem leve, como uma conversa entre pessoas amigas, na qual o autor lembra suas experiências de convívio com esse grande profeta.



Aponte a câmera do
seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

No século XXI retornam perguntas antigas e novas no contexto da sociedade globalizada: Como evangelizar a sociedade atual? Como viver o Evangelho nesta sociedade? Que Evangelho anunciar a esta sociedade? E em que Igreja? O catolicismo está aberto ao diálogo com a sociedade e com as religiões? Diante da ausência de clero em várias regiões do planeta, é possível pensar em alternativas dentro de um ministério ordenado? O Vaticano II foi um porto de partida. A comunidade católica está disposta a dialogar com as enormes diferenças que surgiram no pós-concílio na Igreja e na sociedade? Dependendo das respostas e posturas assumidas diante destes e milhares de outros questionamentos se poderá verificar, ou não, se o catolicismo já adentrou o novo século ou permanece oferecendo respostas que não são mais adequadas, como aquelas oferecidas no âmbito do Vaticano I (SOUZA, 2022, p. 26).

Com base nesses questionamentos, é necessário estar disposto a viver e animar o cotidiano das pessoas com esse jeito das CEBs de ser Igreja.

3. TUDO PELO REINO⁴

“Tudo pelo Reino” foi o tema da recente Romaria dos Mártires da Caminhada Latino-americana, em Ribeirão

Cascalheira, prelazia de São Félix do Araguaia-MT, realizada nos dias 16 e 17 de julho de 2022. O tema nasceu de conversas com o bispo Pedro Casaldáliga, no final da romaria de 2016.

Tudo pelo Reino, pois o Reino é vida em defesa das vidas. Tudo pelo Reino, pois a sinodalidade é o resgate das intuições do Vaticano II. Tudo pelo Reino, pois a caminhada se faz com espiritualidade libertadora e se faz com canção. Somos todos romeiros, todas romeiras e vamos em procissão, em mutirão, ao som de violas, violões, violinos, flautas, pandeiros, atabaques, tambores, casacas e nossas vozes. Tudo é Páscoa. Testemunhas do Reino. Vidas pelo Reino. Profetas do Reino. Tudo pelo Reino... Tudo pelo Reino... Tudo pelo Reino.

Esse tema inspira e fortalece a caminhada das comunidades eclesiais de base na preparação e realização do 15º Intereclesial das CEBs. Com o coração cheio de nomes, preparamos esse encontro, que será um divisor de águas, pois as CEBs precisarão se refundar, levando em consideração cinco atitudes urgentes: 1) *manutenção da opção pelos pobres*; 2) *ministério e participação das mulheres*; 3) *superação do clericalismo*; 4) *diálogo ecumênico e inter-religioso e a luta pela defesa da vida e da natureza*; 5) *maior empenho em relação aos jovens*.

Tais atitudes são de suma importância para a sobrevivência das CEBs enquanto lugar teológico, socioeconômico e

⁴ Cf. IRMANDADE DOS MÁRTIRES. Disponível em: <https://irmandadedosmartires.com.br/romaria-dos-martires-2022-carta1>. Acesso em: 3 fev. 2023.

“UMA IGREJA QUE NÃO ESTÁ
EM SAÍDA PARA AS PERIFERIAS
NÃO CONSEGUE MODIFICAR
SUAS ESTRUTURAS.”



político, pois representam não só resistência profética, mas também enfrentamento de tudo que vai na contramão do Evangelho de Jesus de Nazaré.

Optar pelos pobres é manter vivo o seguimento radical de Jesus de Nazaré.

Optar pelos pobres é transformar o seguimento em *inspiração*, pois evoca maior liberdade e criatividade.

Devem-se valorizar ainda mais os serviços realizados pelas mulheres e os diversos ministérios que assumem nas CEBs; com sua fé e garra, com sua disponibilidade e carinho, elas dinamizam as comunidades e as fazem funcionar. Sem as mulheres, não teríamos Igreja em saída nem o olhar preciso e a voz inquieta contra o clericalismo, grande doença dos dias atuais, junto com o individualismo, o fanatismo religioso e a discriminação.

O diálogo ecumênico e inter-religioso é inevitável para o fortalecimento da Igreja. Dialogar, respeitar e ir ao encontro não

diminui em nada a identidade da Igreja; e a luta pela defesa da vida e da natureza se torna uma missão mais leve, pois no caminho encontraremos outras pessoas na mesma sintonia. Respeitar para caminhar juntos. Dialogar para caminhar juntos. Encontrar para caminhar juntos.

É imprescindível apoiar as juventudes e incentivá-las a exercer seu protagonismo juvenil à frente dos serviços, das equipes e dos ministérios existentes nas CEBs. Afinal, Deus faz morada nas juventudes. As juventudes são lugares teológicos. Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta. As juventudes querem ser escutadas, reconhecidas, acompanhadas. As juventudes querem ser amadas, como amam a Igreja.

Tudo pelo Reino, para que as CEBs sejam sempre Igreja em saída, na busca da vida plena para todos e todas.

Tudo pelo Reino.

Tudo é Páscoa!

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Renovar toda a Igreja no Evangelho*: desafios e perspectivas para a conversão pastoral na Igreja. São Paulo: Santuário, 2019.
- CASALDÁLIGA, Pedro. *Na procura do Reino*: antologia de textos 1968/1988. São Paulo: FTD, 1988.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2018. (Documentos da Igreja, 48).
- ENCONTRO INTERECLESIAL DAS CEBs, 15. *Marco referencial do 15º Intereclesial das CEBs*. Rondonópolis: Secretariado do 15º Intereclesial das CEBs, 2021.
- LIMA, Luiz Alves de. Sínodo dos bispos. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015.
- SBARDELOTTI, Emerson. *Por uma Igreja dos pobres*: teologia da libertação. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- SBARDELOTTI, Emerson. Teologia da libertação: arte e espiritualidade. In: GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTI, Emerson; BARROS, Marcelo. *50 anos de teologias da libertação*: memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022. v. 1.
- SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*: estrutura e conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.
- SOUZA, Ney de. *Breve história do Vaticano II*: notas sobre o Concílio e sua recepção na América Latina. São Paulo: Recriar, 2022.

*Pe. Junior Vasconcelos do Amaral é doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Professor adjunto no Departamento de Teologia da PUC-Minas. Autor do livro *A paixão de Cristo: uma leitura narrativa*, pela Editora Saber Criativo. Presbítero do clero de Belo Horizonte-MG. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br

**Gustavo César dos Santos é graduado em Filosofia e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). E-mail: gustavocesar339@gmail.com

A SOLIDARIEDADE COMO POSSIBILIDADE PARA UM MUNDO PÓS-PANDEMIA:

uma releitura da
teologia do Servo
sofredor na paixão
de Jesus segundo
o Evangelho
de Marcos
(14,1-16,8)



Valendo-nos tanto da Doutrina Social da Igreja quanto das catequeses **Curar o mundo** de Francisco, assim como dos textos da exortação **Evangelii Gaudium** (2013) e das encíclicas **Laudato Si'** (2015) e **Fratelli Tutti** (2020), também do Sumo Pontífice, desejamos compreender, a partir do horizonte pastoral, o sentido hermenêutico da solidariedade, alargando esse conceito, aplicando-o aos “povos crucificados” do presente e afirmando a necessidade de descê-los da cruz.





“Os profetas estão à disposição de Deus, sobretudo pelo uso da linguagem. Eles são homens da palavra e, por isso, estão a serviço dela.”

Introdução

“Por que há, ainda, no mundo de hoje tanto sofrimento, tanta paixão humana, tão escandalosa como aquela sofrida na cruz por Jesus? Há, nos dias de hoje, meios de suscitar a misericórdia, a com-paixão para com os sofredores, ungindo-os em suas debilidades e descendo-os da cruz [...]” (AMARAL, 2016, p. 222), de modo a amenizar seus sofrimentos, especialmente os daqueles atingidos pela pandemia? A covid-19 tem acentuado imensamente o sentimento de crise do mundo contemporâneo, a sensação real de impotência humana e o sofrimento das pessoas, de modo particular dos pobres e dos marginalizados. Assim, a pergunta fundamental, motivadora deste artigo, é: como a reflexão teológica – ou ainda, como o Evangelho de Jesus – ilumina toda esta realidade tão complexa em que vivemos atualmente? Como o Filho de Deus, centro da fé cristã, responde aos dilemas contemporâneos, especialmente àqueles acentuados pela pandemia da covid-19?

A relevância e a justificativa deste artigo giram em torno da possibilidade de superação das dificuldades da contemporaneidade, entre as quais se encontram as consequências pandêmicas: luto, desamparo, dor e sofrimento; desemprego, fome e desigualdade social; não acesso à saúde, à educação e à dignidade de vida. Desse modo, a solidariedade torna-se horizonte hermenêutico de superação das dificuldades atuais.

Todo esse cenário pode ser lido e interpretado segundo o paradigma da solidariedade para com Jesus Cristo, que caminha rumo

à morte. O cenário no qual se insere o Filho de Deus – que se reveste do *ebed IWHW* veterotestamentário –, o “servo individual”, é desolador, de modo que se podem traçar paralelos com a humanidade e a coletividade – o “servo coletivo” (CULLMANN, 2002, p. 79) –, que padece com o cenário contemporâneo, marcado duramente pela pandemia da covid-19. O intercâmbio de perspectivas horizontais e relacionais, da morte de Jesus e da morte e sofrimento, hoje, de inúmeras e incontáveis pessoas, faz que se pergunte sobre o real sentido da vida e as possibilidades da solidariedade humana em meio à dor. Há, assim, sentido em amar e servir os que sofrem!

1. A teologia do Servo sofredor no relato da paixão do Evangelho de Marcos (14,1-16,8)

No Antigo Testamento, depara-se com a figura do profeta. Ele “é mediador, lugar-tenente do Senhor, receptor e articulador de sua palavra, sentinela e guardião. [...] não mantém posto fixo: é trombeta volante que invade a praça, o palácio, o átrio do templo. Ressoam seus gritos em todas as camadas da sociedade” (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 37). Os profetas estão à disposição de Deus, sobretudo pelo uso da linguagem. Eles são homens da palavra e, por isso, estão a serviço dela.

Os profetas estão na raiz da teologia de Israel. Diante das diferenças existentes entre eles, todos convergem em dois aspectos principais, a saber: a fidelidade à Aliança e a

certeza da salvação. Deus é quem faz aliança com seu povo, mostrando-se sempre fiel às suas promessas. Em contrapartida, o mesmo Deus corrige e adverte o povo, mantendo-o sempre num caminho de retorno à fidelidade (BÍBLIA SAGRADA, 2014, p. 1007). Nesse sentido, o livro do profeta Isaías, além de ser relevante para a tradição cristã, ocupa um espaço considerável na teologia de Israel. Aqui, nosso esforço, entretanto, volta-se ao segundo bloco de Isaías, entre os capítulos 40 e 55, bloco em que se encontram os quatro cânticos do Servo sofredor (42,1-4; 49,1-7; 50,4-11; 52,13-53,12).

Buscamos, assim, o resgate da figura veterotestamentária do Servo sofredor de Adonai, presente tanto na teologia de Israel, de modo geral, quanto nos quatro cânticos do profeta Isaías, de modo específico. Nesse sentido, constatamos que o *ebed Adonai*, em grego πᾶς θεοῦ, é, segundo Cullmann (2002, p. 80), o Servo do Senhor que sofre. Ele tem vocação dramática e trágica, contudo gloriosa, por meio do sofrimento. É o estabelecimento do máximo paradoxo: é a vitória por meio do fracasso; é a luta entre o ser e o não ser, entre a vida e a morte; é a palavra e o silêncio; é a presença misteriosa de um “Deus escondido”. O Servo de Adonai é o mediador da salvação que virá; ele é luz das nações, pregador da verdadeira fé, e, por sua morte, expia os pecados do povo, sendo glorificado por Deus. Além desses, outros aspectos podem ser levados em consideração, por exemplo: a identidade do Servo – se ele seria um indivíduo ou uma coletividade; a ideia de substituição – se o *ebed* é o Servo de Deus que sofre, seu sofrimento é substitutivo, pois o sofrimento de inúmeras pessoas corresponde ao seu, de modo que a aliança de Deus para com seu povo é restabelecida por meio da obra do *ebed*.

Afinal, com certa inquietação, perguntamo-nos: quem é esse personagem? Ou com quem ele se parece? A exemplo do

Francisco, bispo de Roma, e a Igreja particular

Dom Edson Oriolo



Imagens meramente ilustrativas.

A obra apresenta a missão, a visão e os valores da Igreja, em suas instâncias de evangelização, na convicção de que sua ação missionária deve produzir resultados. Tem como objetivo principal despertar a reflexão sobre a importância da relação entre o bispo de Roma e as Igrejas particulares.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

eunuco de Candace, no livro dos Atos dos Apóstolos, que pediu a Filipe uma explicação daquele trecho de Is 53,7s, depois de tanto tempo ainda nos fazemos a mesma pergunta. “Abrindo a boca e partindo dessa passagem da Escritura, Filipe lhe anunciou a Boa-nova de Jesus” (At 8,35). Para Schökel e Sicre Diaz (1988, p. 358), “Jesus Messias quis modelar a sua vida segundo o modelo de Is 53 [...]. Em Jesus, a figura poética tornou-se realidade, nele ‘realizou essa passagem’ (Lc 4,21)”. Em última instância, Jesus Cristo, o Filho de Deus, assumiu e realizou plenamente, em si mesmo, a missão do Servo sofredor de Adonai. Além disso, ainda nessa unidade, sob a égide do relato da paixão segundo o Evangelho de Marcos (14,1-16,8), relemos essa figura do Antigo Testamento à luz de Jesus Cristo, compreendendo como o Filho de Deus realiza, em si mesmo, a obra do Servo sofredor de Adonai. Nesse sentido, percebemos que, ao longo de sua missão, Jesus, paulatinamente, foi tomando consciência de ser ele mesmo o Servo sofredor, aquele que cumpriria por completo a figura misteriosa dos cânticos de Isaías.

2. Hermenêutica cristológica entre o Crucificado e os “crucificados” da pandemia da covid-19

Este segundo momento de nosso artigo possui como moldura espaçotemporal a contemporaneidade, com seus limites e possibilidades. O tempo atual possui outra gramática simbólica, diferente de todas as

anteriores, que, historicamente, já experimentamos: o modo como entendemos o tempo, o espaço, o corpo, o outro, a sociedade, a verdade e a linguagem, por exemplo, não é o mesmo que em outros tempos. A subjetividade dos sujeitos está aflorada de um modo como nunca esteve antes, incentivada, muitas das vezes, pelo uso das tecnologias e pelo acesso às redes sociais. Tudo muda tão rapidamente, que se vive num tempo de grande insegurança e imprevisibilidade. É nesse universo complexo e multifacetado que emerge a pandemia da covid-19.

Assim, devemos repensar a pandemia no mundo contemporâneo na perspectiva dos sofrimentos e dificuldades das pessoas, especialmente das mais vulneráveis. Importantes também são as reflexões do sumo pontífice Francisco, quando ele questiona se as dificuldades vivenciadas atualmente não são faces diferentes de uma mesma crise. “E se os desafios econômicos, sociais e ecológicos que enfrentamos forem produtos de uma única e mesma crise?”, interpela-nos Francisco. Destacamos aqui a referência à ecologia integral, termo explorado na encíclica *Laudato Si’* (2015).

Em seguida, desejamos nos apropriar do termo cunhado por Ellacuría (1978; 1981) e bastante utilizado por Jon Sobrino (1994) – “povos crucificados” –, na tentativa de realizar uma hermenêutica dos sofrimentos e dificuldades dessas pessoas, os “crucificados” da realidade de hoje, em relação a Jesus Cristo, o Crucificado, Servo sofredor de Adonai.

“Devemos repensar a pandemia no mundo contemporâneo na perspectiva dos sofrimentos e dificuldades das pessoas, especialmente das mais vulneráveis.”



A plausibilidade do emprego do termo “povos crucificados” – e expressões equivalentes – assenta-se, para Sobrino (1994, p. 83), não somente em razões históricas, pensando em como está a realidade atual, mas, principalmente, em razões teológicas, refletindo sobre como está a criação divina, especialmente o ser humano. “Povos crucificados”, decerto, é linguagem metafórica que comunica uma realidade histórico-material e aponta, diretamente, seu significado para a fé.

Nesse sentido, pode-se perguntar qual seria um caminho possível diante deste cenário difícil que se apresenta a todos. Sobrino (1994, p. 90) fala da necessidade de descer da cruz os “povos crucificados”. Em paralelo a essa linha de pensamento está o papa Francisco (2020b, p. 60-61), que afirma: “quando a Igreja fala da *opção preferencial pelos pobres*, significa que devemos sempre considerar o impacto das decisões que tomamos na vida dos mais pobres. Mas também significa que devemos pôr os pobres no centro do nosso modo de pensar”. Assim, com base nesses autores e reflexões, intuimos que um dos modos de descer da cruz os “crucificados” é colocar os pobres como centro do modo de pensar e agir do ser humano, seja no nível religioso, seja no nível social.

3. A solidariedade como chave hermenêutica para a realidade contemporânea: possibilidades para os “crucificados” de hoje

Neste artigo, a solidariedade é apresentada como caminho possível para a superação das dificuldades do mundo contemporâneo, de modo geral, e das consequências da pandemia da covid-19, de modo particular. A solidariedade se torna chave hermenêutica em vista da superação das questões já abordadas. Para tanto, nas perspectivas de Amaral (2016) e de Brown (2011), é importante intuir, por exemplo, o significado da presença de personagens solidários na cena

Ofício Divino das Comunidades

Vários autores

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES

752 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra representa um esforço de inculturação da Liturgia das Horas, com os mesmos elementos e estrutura, com a mesma teologia e espiritualidade, porém mais simples e com uma linguagem orante, poética e musical, próxima da maioria do povo.



Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

da paixão de Jesus segundo o evangelista Marcos, sobretudo a mulher que unge Jesus em Betânia (14,3-9), Simão Cirineu (15,21), José de Arimateia (15,43-46) e as mulheres que acompanhavam e serviam a Jesus desde a Galileia (15,40-41.47; 16,1ss).

A solidariedade é valor que atua como princípio permanente, iluminando as ações que compõem a convivência. Ser solidário com o próximo é tecer laços de comunidade, é dar prioridade à vida de todos, ainda que isso dificulte ou impeça a prosperidade de alguns. A solidariedade é força motora da história. Se for levada até as últimas consequências, ela vai tornar a Terra – nossa Casa Comum – um espaço de vida abundante, capaz de acolher a todos os homens e mulheres e todas as espécies vivas numa grande e complexa comunidade.

Considerações finais

Ao final deste artigo, chegamos a algumas conclusões: Jesus Cristo é o Servo sofredor de Adonai, profetizado por Isaías nos quatro cânticos do *ebed* e atualizado no relato marcano da paixão; vimos, também, que Jesus Cristo experimentou, no caminho do Calvário, expressões de solidariedade de pessoas humanas; refletimos que, do mesmo modo, também se pode pensar a solidariedade humana, em tempos de pandemia, com os “crucificados” de hoje. Luto, dor, sofrimento, desamparo, desemprego, fome, desigualdade social, violência, não acesso à saúde, à educação e à dignidade de vida são exemplos de situações que podem ser superadas, de forma conjunta, com a prática da solidariedade fraterna. Observa-se a relação entre o texto bíblico da paixão de Jesus, as expressões de solidariedade presentes no próprio texto e o horizonte pandêmico que se descortina, em consonância também com as expressões de solidariedade e compaixão em favor dos que sofrem na atualidade, os “crucificados” da pandemia.

A solidariedade torna-se, nesse sentido, chave hermenêutica, caminho concreto e passível de ser trilhado em vista da superação dessas dificuldades. A solidariedade é indicativo de que, na realidade pandêmica atual, é possível se inspirar em ações evangélicas e promovê-las, de modo que ajudem a minimizar os impactos causados pela covid-19. Em nosso tempo, a solidariedade é caminho a ser percorrido rumo a um mundo pós-pandemia, para a cura das doenças interpessoais e sociais. Contemporaneamente, existem cruces escandalosas, sinônimas de injustiça e desigualdade sociais, de altos índices de desemprego e fome, de violência e marginalização, de falta de acesso aos sistemas de saúde e educação de qualidade, por exemplo. Essas cruces escandalosas fazem ainda muitas vítimas em todo o mundo. Afirma-nos Amaral (2016, p. 267) que, “suspensos nessas cruces, estão os incontáveis rostos desfigurados pelas feridas causadas por um sistema que viola os direitos, assassina, tortura, massacra, com suas aversões, tanto aos estrangeiros, aos pobres, às mulheres, aos homossexuais e às classes minoritárias”. Na tarefa de anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo na fidelidade, deve haver o esforço para descer esses “crucificados” de suas cruces.

Enfim, se o Crucificado, Filho de Deus, está em profunda intimidade e relação teológica com os “crucificados” de hoje, então o Evangelho veicula grande “potencial de sentido”, atualiza-se nas intempéries do tempo e torna-se sinal de esperança, de seguimento e de superação das dificuldades. **vp**

Referências bibliográficas

AMARAL, Junior Vasconcelos do. *A paixão de Jesus no Evangelho de Marcos (14,1-16,8): uma leitura narratológica*. 2016. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu>.

br/wp-content/uploads/2022/05/A-PAIXAO-DE-JESUS-NO-EVANGELHO-DE-MARCOS-141%E2%80%93168-UMA-LEITURA-NARRATOLOGICA.pdf. Acesso em: 3 fev. 2023.

BÍBLIA Sagrada: Nova Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

BROWN, Raymond E. *A morte do Messias: comentário das narrativas da paixão nos quatro Evangelhos*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2011. v. 2.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002.

ELLACURÍA, Ignacio. Discernir “el signo” de los tiempos. *Diakónia*, Managua, n. 17, p. 57-59, 1981.

ELLACURÍA, Ignacio. El pueblo crucificado: ensayo de soteriología histórica. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 18, p. 305-333, 1978.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020a.

FRANCISCO. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*: o caminho para um futuro melhor. Tradução de Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020b.

SCHÖKEL, L. Alonso; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I: Isaías e Jeremias*. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1988. (Grande Comentário Bíblico.)

SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*: descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994.

Senhor, ensina-nos a orar

Orações para todos os momentos

Claudio Avelino dos Santos e
Mário Roberto de Mesquita Martins



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O livro apresenta as orações mais tradicionais da Igreja, salmos para orar em diversas circunstâncias, orações aos santos, orações na luta contra o mal. É um livro para ajudar os fiéis a tomar consciência da presença de Deus na própria vida.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Márcia Eloi Rodrigues*



Acesse também o programa
Palavra Viva pelo QR code
ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

SOLEINIDADE DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO

2 de julho



Pedro e Paulo, testemunhas de fé no Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na solenidade de São Pedro e São Paulo, pilares da Igreja, a liturgia nos convida a celebrar o testemunho desses mártires da fé. Ambos representam duas dimensões da vocação apostólica, diferentes, mas complementares: carisma e instituição. Paulo, o grande missionário entre os gentios; Pedro, o guardião da fé. Seus testemunhos de vida tornam-se instrução para nós, cristãos, assumirmos a fé em todas as circunstâncias da vida e confiarmos plenamente em Deus, que sustenta e conduz sua Igreja.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 12,1-11): Deus liberta Pedro da prisão

Nesse texto, Lucas narra a milagrosa libertação de Pedro por parte do anjo do Senhor, em claro paralelo com a prisão

de Jesus na Páscoa (Lc 22,1) e sua apresentação “diante do povo” (Lc 23,13-25). Isso significa que o apóstolo Pedro participa do mesmo destino de Jesus. Sua prisão, assim como o martírio de Tiago (filho de Zebedeu), faz parte da decisão do rei Herodes de tentar destruir a Igreja, prendendo e matando seus líderes.

Todos os detalhes da narrativa da prisão de Pedro – por exemplo, o reforço das guarnições, o estar preso por correntes – têm o objetivo de evidenciar a iniciativa e a grandeza da ação libertadora de Deus, pois a fuga não seria possível. Deus intervém libertando Pedro, como resposta à oração incessante da Igreja, reunida em solidariedade à situação do apóstolo. A reação de Pedro, na prisão, demonstra sua serenidade e plena confiança em Deus, pois estava preparado para morrer por sua fé.

Lucas fala da libertação do cárcere com termos que fazem pensar na libertação de Israel do Egito por YHWH: ele vem de noite (v. 6; cf. Ex 12,8), durante a festa da Páscoa (v. 4); Pedro é convidado a pôr as sandálias nos pés (v. 8; cf. Ex 12,11), porque será “libertado da mão do opressor” (v. 11; cf. Ex 18,4.8.9.10; 1Rs 10,18; Jr 41,13) e conduzido para fora da prisão, como Israel para fora do Egito

*Ir. Márcia Eloi Rodrigues é religiosa do Instituto Religioso Nova Jerusalém. Possui graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje (Belo Horizonte-MG). É professora de Sagrada Escritura. E-mail: ir.marcianj@gmail.com

(v. 17; cf. Ex 32,1). Desse modo, Pedro vive uma nova Páscoa de libertação. Ele faz a experiência do Deus libertador, o Deus do “êxodo”, que age assim ao longo da história da salvação.

Emerge também o rosto da comunidade cristã, que, exposta à perseguição, reage não com ódio e violência, mas com a oração. E a oração, por sua vez, manifesta o vínculo fraterno que une os membros entre si numa verdadeira família, na qual se partilham os sofrimentos e as alegrias. Assim, a comunidade cristã, como um todo, aparece como lugar onde é possível a homens e mulheres experimentarem verdadeira comunhão de vida com Deus e verdadeira relação de fraternidade entre si.

2. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18): Paulo oferta sua vida a Deus

Na segunda carta a Timóteo, temos o resumo da vida de Paulo, de sua plena dedicação à evangelização entre os pagãos. As cartas a Timóteo, escritas na prisão, em Roma, são testemunho do alcance da missão evangelizadora do apóstolo. Nesse contexto, em que pensava que seria condenado à morte, Paulo pode, com toda a serenidade de quem cumpriu sua obra, abandonar-se nas mãos de Deus. No fim de sua carreira, pode oferecer sua vida como “oferenda adequada” a Deus, assim como ele ensinou em sua pregação (Rm 12,1). Paulo não quer dizer somente que chegou ao término de sua vida, mas deixa entender que sua morte é, de certo modo, uma oferenda sacrificial, unida à de Cristo.

Usando as imagens de “combate” e “carreira”, tomadas das competições atléticas, Paulo expressa o encerramento de seus anos de apostolado: “Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé” (v. 7). A “fé”, nesse

Comentário ao Evangelho de São Lucas

Santo Ambrósio



Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O livro apresenta a única obra de Santo Ambrósio. Dedicada a um livro neotestamentário, é o primeiro comentário ao terceiro Evangelho no mundo latino. Vale-se do seu método exegético de fundo e explica a Escritura pela própria Escritura.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

contexto, equivale à fidelidade à fé, ao projeto de Deus, do qual não se omite nenhuma de suas exigências, assim como o atleta leva a cabo todas as exigências para, então, receber a coroa da vitória (2Tm 2,5).

Essa passagem reflete a experiência viva da Igreja na segunda geração cristã. São tempos difíceis, nos quais o mais importante é manter fielmente a rota empreendida, apesar de todas as dificuldades e tribulações.

3. Evangelho (Mt 16,13-19): A Igreja é edificada na fé dos apóstolos

No Evangelho, Jesus conscientiza os apóstolos, perguntando-lhes quem ele é na opinião dos outros e deles mesmos. Em relação às pessoas, a resposta dos discípulos explicita as diversas esperanças messiânicas populares. O que interessa, no entanto, é a resposta daqueles que caminham com Jesus, se os discípulos realmente entendem a verdadeira identidade do seu Mestre. Então Pedro, representando a comunidade, toma a iniciativa e responde, de forma acertada, que Jesus é o “Cristo, Filho do Deus vivo” (v. 16). Sua resposta, nesse contexto, constitui verdadeira profissão de fé, que não é fruto das especulações humanas, mas sim da revelação divina. É o próprio Pai quem o revela à comunidade dos seguidores de Jesus, aqui representada por Pedro. Tal profissão de fé só foi possível porque a comunidade se abriu à revelação divina, deixou-se conduzir por ela. E é sobre a fé confessada no Cristo, Filho do Deus vivo, que a Igreja é edificada. Fazendo um trocadilho com a expressão “essa pedra” e o nome “Pedro”, o texto nos diz algo sobre Pedro e sobre a Igreja. Ao dar a Simão o nome Pedro, Jesus confere ao apóstolo a missão de dar firmeza aos seus irmãos (Lc 22,32), ser uma rocha que

os sustente na caminhada. Em relação à Igreja, o texto indica, de forma essencial, que a Igreja está fundamentada em Jesus, pedra angular (Mt 21,42), confessado como Messias por aqueles que o seguem, a comunidade de fé.

Uma vez que a comunidade cristã é edificada sobre a fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (v. 18). Tais palavras querem dizer que as potências do mal e da morte não poderão nada contra a Igreja, que é uma realização provisória do Reino de Deus. Como realização do Reino na provisoriedade da história, a Igreja também recebe uma tarefa, simbolizada pelas “chaves do Reino dos Céus”: cuidar da obra divina, não como seu proprietário – pois o Reino é de Deus –, mas assumindo o serviço de mordomo, cuja tarefa é cuidar da casa para seu verdadeiro senhor (Is 22,22). Isso significa que o representante dos Doze, Pedro, tem como tarefa o cuidado pastoral, administra as responsabilidades da evangelização. É o papel de quem está à frente da “casa”, seja um líder em sua comunidade, um presbítero em sua paróquia ou um bispo em sua diocese.

Uma das tarefas da Igreja é ligar ou desligar do Reino do Céu tudo o que está na terra. Essa tarefa não diz respeito, de forma alguma, a uma autoridade soberana do chefe da Igreja, mas se refere à responsabilidade pastoral na orientação dos fiéis em sua comunhão com Deus e com a comunidade crente, concretizada na visibilidade do sacramento da reconciliação.

Assim, por meio de seus pastores, no ministério da reconciliação, a Igreja não só declara que alguém está excluído oficialmente da comunhão plena com ela, que faz a mediação da comunhão com Deus, mas também exerce sua missão de

readmitir e reconciliar quem se encontrava separado dela, uma vez cumpridas certas condições que sinalizem verdadeira conversão.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A Igreja, representada nesses dois apóstolos, é formada por pessoas que professam sua fé no Cristo e assumem essa mesma fé na vida, de modo concreto, por suas ações, palavras e compromisso com o Reino de Deus. Essa é a verdade do testemunho de Pedro e Paulo, apóstolos de Cristo que foram até as últimas consequências em sua missão de anunciar a Boa-nova da salvação. Por isso, ambos são referenciais para a vivência da fé. Eles nos lembram que a liderança, na comunidade de fé, é serviço aos irmãos e irmãs, ajudando-os a solidificar a fé e levar adiante a missão iniciada pelo Mestre Jesus.

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de julho



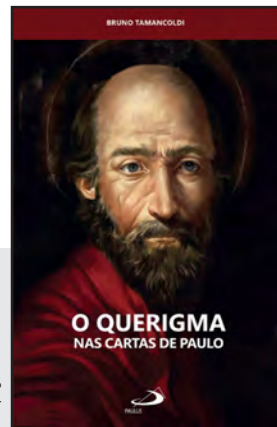
O Messias manso e humilde

I. INTRODUÇÃO GERAL

Jesus é o Messias manso e humilde anunciado pelo profeta Zacarias. Ele veio instaurar o Reino de paz e de amor em benefício de todas as nações. Os pequenos e humildes, deixando-se conduzir pelo Espírito e não pela carne, acolhem o dom de Deus manifestado na vida simples e humilde de Jesus de Nazaré, que a eles se revela. Por isso, são chamados a carregar seu jugo, ou seja, a dar adesão incondicional a Jesus, assumindo, no cotidiano, sua vida e seus ensinamentos.

O querigma nas cartas de Paulo

Bruno Tamancoldi



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro tem como objetivo apresentar, de maneira pastoral, a vida de São Paulo e suas cartas, relacionando-as às temáticas que envolvem o querigma, isto é, o primeiro anúncio: o amor de Deus, o pecado, Jesus salvador, fé e conversão, Espírito Santo e comunidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Zc 9,9-10): O rei messiânico é humilde e pacífico

Esse texto do profeta Zacarias situa-se no contexto pós-exílico, em que os judeus não tinham rei, pois estavam sob o domínio persa. Nesse ambiente, as expectativas messiânicas – a chegada do rei que irá libertar o povo e reconduzi-lo à terra de Israel – são idealizadas. É o que nos apresenta essa profecia sobre o esperado de Deus, o Messias, como rei humilde e pacífico. Esse rei é justo, porque faz a vontade de Deus. Ele trará a vitória e libertará o povo do jugo da violência.

A entrada desse rei é descrita sem a pompa que sempre caracterizou os reis da época. O rei imaginado pelo profeta é humilde e pacífico, que troca o cavalo militar por um jumentinho, animal montado pelos príncipes em tempos de paz.

O rei de Sião vem ao seu encontro. Por isso, a cidade é convidada a se alegrar. Sua chegada instaurará o reinado de Deus no meio de seu povo; será um reino de paz. Acabará com os carros e arcos de guerra, com todos os instrumentos e símbolos bélicos, e anunciará a paz às nações. Seu domínio pacífico não se restringirá à cidade de Jerusalém, mas se estenderá de um mar a outro, ou seja, será universal.

2. II leitura (Rm 8,9.11-13): Viver conforme o Espírito

Nessa exortação, Paulo expõe os critérios da vida nova em Cristo: abandonar uma existência conduzida segundo a carne para viver no Espírito. Contudo, isso não significa desprezar o corpo em favor de uma vida “espiritual”, vivida fora da realidade, fora do cotidiano – muito pelo contrário. A exortação diz

respeito a viver no cotidiano a vida cristã, orientada pelo Espírito de Cristo, uma vez que a ele pertencemos. A oposição que Paulo faz entre “carne” e “espírito” diz respeito a duas modalidades de viver a vida. A “carne” significa a vida humana limitada, frágil; “espírito” refere-se à força vivificadora que vem de Deus.

Assim, viver na “carne” significa o ser humano fechar-se em si mesmo, na autossuficiência humana, no egoísmo. Isso conduz a pessoa à morte, ao afastamento definitivo de Deus. Ao contrário, viver no “espírito” consiste em nos abirmos ao Espírito que vivificou o Cristo, deixar que o Espírito de Cristo, que nos foi dado, nos vivifique e nos transforme diariamente, para assumirmos na realidade histórica a vida divina, ou seja, vivermos uma vida conformada à vida de Cristo, aberta ao Pai e aos irmãos e irmãs.

3. Evangelho (Mt 11,25-30): A mansidão do Messias

O Messias profetizado por Zacarias na primeira leitura encontra realização em Jesus, o “Messias diferente”, manso e humilde. Esse Messias humilde, incompreendido e desprezado por muitos é acolhido pelos pequeninos. Nesse contexto, Jesus louva o Pai por revelar o mistério do Reino dos Céus não aos sábios e entendidos, mas sim aos pequeninos. Na época de Jesus, esses “sábios e entendidos” são os fariseus e mestres da Lei, que estão fechados na sua autossuficiência e, por isso, são deixados de fora. Por sua vez, os pequeninos são os simples e os ignorantes das prescrições da Lei mosaica que se abrem humildemente ao dom divino. Estes se tornam, portanto, os beneficiários do acontecimento salvífico realizado em Jesus. Ele é o Filho, aquele que conhece o Pai intimamente e pode dispor de tudo que é dele.

Por ser um Messias humilde e o revelador de Deus aos humildes, Jesus dirige um convite a todos aqueles que estão cansados e oprimidos. Usando a imagem do jugo que se coloca no animal de carga, ele se refere ao pesado fardo da Lei, com todas as suas prescrições, impostas pelos escribas ao povo simples (Mt 23,4; 15,10). O convite a tomar sobre si o fardo de Jesus e tornar-se seu discípulo estabelece um contraste entre o jugo dos escribas e o dele, significando a submissão à autoridade de Jesus. Os discípulos de Jesus são chamados a aprender dele, porque é um Mestre manso e humilde de coração (v. 29), em contraste com os sábios e entendidos (v. 25), que impõem um fardo pesado aos pequenos.

Diferentemente dos escribas, Jesus oferece aos seus discípulos um jugo suave, cujas exigências são justas e suportáveis. Para isso, concede-lhes a força espiritual para atender a todas as demandas; ele mesmo vai à frente dos seus discípulos, carregando consigo sua cruz, abrindo-lhes o caminho, com a proximidade de quem ama. Tornar-se discípulo de Jesus e carregar seu jugo suave consiste em aderir incondicionalmente a ele e imitá-lo no caminho do amor compassivo e misericordioso ao próximo, principalmente aos pequeninos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Tornar-se discípulo de Jesus, carregar seu fardo, não significa viver uma fé cristã *light*, sem compromisso e sem exigências éticas. Muito pelo contrário, a fé tem suas exigências, porque é adesão livre e consciente a uma pessoa: Jesus Cristo. Significa viver e assumir os valores do Reino de Deus: mansidão, amor, compaixão, solidariedade, compromisso com os mais pobres etc. O discípulo e a discípula de Jesus, o Messias manso e

Comentários a São João – II Evangelho – Homilias 50-124 Primeira Epístola

Santo Agostinho



798 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O segundo volume dos comentários agostinianos ao Evangelho de São João contém a continuação da exegese dos onze primeiros capítulos do texto bíblico, até a homilia 124, e introduz a obra de apreciação das epístolas. É uma oportunidade de conhecer um dos maiores oradores que a Igreja já teve.



**Aponte a câmera do
seu celular e confira a
degustação do livro!**

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

humilde de coração, cultivam no mais profundo de sua interioridade a paz e o diálogo; não são a favor da violência nem da intolerância.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de julho



A fecundidade da Palavra

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Palavra de Deus tem uma força capaz de transformar as realidades segundo o projeto de Deus. No entanto, se o solo não for bem preparado, a semeadura da Palavra não terá êxito, não gerará frutos no tempo devido. Fruto eficaz da Palavra de Deus é a transformação da criação inteira, encabeçada pela humanidade redimida em Cristo, o qual lançou suas sementes e, no fim dos tempos, colherá seus frutos. É, pois, papel de cada cristão tornar essa Palavra fecunda na própria vida, mediante sincera abertura de coração à vontade de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 55,10-11): A Palavra de Deus é eficaz

Esse trecho, que fala sobre a eficácia da Palavra de Deus, conclui o chamado “livro da consolação”, do Dêutero-Isaías, que anuncia a salvação ao povo no exílio. O profeta anima seu povo a pôr a confiança em Deus, buscando voltar-se para o Senhor. Em meio à descrença do povo, o Senhor afirma que seu modo de agir, seu caminho, é diferente do que se espera. Por isso, o texto usa duas imagens para explicitar essa verdade: a distância

de Deus, que está muito acima da realidade terrestre (Is 55,6-9); e as imagens da chuva e da neve, que descem do céu e fecundam a terra (v. 10-11). Este último trecho procura insistir na mediação da Palavra, que desce do céu com um propósito: realizar e revelar a salvação de Deus.

Assim como a chuva realiza seu propósito – fecundar o chão e gerar vida –, a palavra que sai da boca de Deus terá resultados concretos, os quais, no contexto do profeta, se referem ao retorno dos judeus à sua terra. Em nossos tempos, mais do que nunca, faz-se necessário crer na fecundidade da Palavra do Senhor, dom ativo que produz abundante atividade em nossa vida, regando-a e gerando frutos.

2. II leitura (Rm 8,18-23): A criação anseia pela manifestação dos filhos de Deus

Nesse trecho da carta aos Romanos, Paulo desenvolve o tema da participação do cristão na ressurreição de Cristo, assim como ele participa do seu sofrimento (v. 17). Por maior que seja o sofrimento do tempo presente, pois o existir humano é padecimento, não há comparação com a revelação definitiva da glória, da abundância de toda graça que Deus concedeu aos seus filhos e filhas. Paulo enfatiza que não apenas a humanidade, mas também a criação inteira participa da esperança futura dos redimidos. Sua esperança é ser libertada da escravidão da corrupção, ou seja, da servidão da decadência e da destruição. Por causa do pecado humano, a criação inteira está sujeita a um constante processo de mudança e decadência, aumentada pelo trato egoísta e destrutivo do meio ambiente por parte dos seres humanos. Desse modo, a esperança da criação inteira é compartilhar “a liberdade da glória dos filhos de Deus”.

A imagem das “dores de parto” é muito apropriada para indicar a intensidade do sofrimento e, ao mesmo tempo, expressar que este não é sem sentido, mas produz fruto. As dores não são dores de morte, mas de novo nascimento, da nova criação. O mundo criado é libertado da escravidão da corrupção para entrar na gloriosa liberdade dos filhos e filhas de Deus. E a garantia dessa consumação definitiva é o Espírito Santo, que já possibilita aos filhos e filhas viver a experiência da ressurreição, enquanto aguardam, com esperança sempre renovada, a ressurreição definitiva.

3. Evangelho (Mt 13,1-23): A sementeura nos diversos solos

O Reino de Deus não é algo evidente, mas requer adesão, participação em sua dinâmica. Por isso, em Mt 13, parte central deste Evangelho, há sete parábolas do Reino de Deus. Parábolas são metáforas tiradas da vida cotidiana ou da natureza. Sua significação atrai a atenção do ouvinte, mas exige maior reflexão a respeito do significado exato. A realidade do Reino, nas parábolas, revela-se a quem crê e esconde-se para quem não crê.

A parábola do semeador, ou melhor, das sementes, seguida de sua explicação, abre o ensinamento de Jesus à grande multidão às margens do mar da Galileia. Na parábola, três espécies de sementes perdidas são comparadas com sementes férteis (v. 4-9). As primeiras sementes se perderam porque caíram em solos ruins, enquanto as sementes que caíram em terra boa deram grandes resultados. A interpretação da parábola concentra-se nas razões pelas quais as sementes falharam ou prosperaram. As terras ruins são a falta de compreensão (v. 19), a superficialidade (v. 21) e a divisão dentro de si mesma (v. 22). Nessas terras, diversos

Ética teológica e discernimento

Entre a razão e a educação solidária

José Antonio Trasferetti e
Ronaldo Zacharias (orgs.)



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esta obra é uma contribuição para a reflexão teológica e suas implicações práticas na vida e na espiritualidade. Explora os fundamentos do discernimento na Sagrada Escritura, no magistério da Igreja, na consciência e na hermenêutica, e destaca a relevância do discernimento para a espiritualidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

obstáculos impedem a semente de crescer: o “maligno” (v. 19), a tribulação ou a perseguição (v. 21) e o cuidado do mundo e a sedução das riquezas (v. 22). Na terra boa, entretanto, a mensagem de Jesus é recebida e produz resultados notáveis (v. 23).

Sobre o porquê de Jesus falar em parábolas, ele explica que o dom do entendimento é dado aos discípulos, e não aos outros, e que os discípulos são abençoados com olhos e ouvidos especiais, porque têm disponibilidade e abertura. As disposições espirituais dos discípulos (o solo fértil) os tornam capazes de ver e entender o mistério do Reino, enquanto os outros, obstinados em sua cegueira e endurecimento, permanecem absolutamente incapazes de ver e entender, porque suas disposições espirituais não permitem que a semente dê frutos.

No contexto da comunidade de Mateus, a parábola da semente jogada em vários solos não só explica por que a pregação do Reino dos Céus não tem sido universalmente aceita, mas também encoraja os que a aceitaram a continuar a dar fruto em boas obras. Os discípulos, bem-aventurados por sua abertura e disponibilidade para a revelação divina, constituem, para a comunidade cristã de todos os tempos, exemplos da força e da fecundidade da Palavra naqueles que a acolhem.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O Evangelho ressalta as diversas disposições morais das pessoas que escutam a Palavra de Deus. Sem sincera abertura de coração para acolher a vontade de Deus, expressa em sua Palavra, a pessoa facilmente se deixa levar pelas forças externas que ameaçam a fecundidade dessa mesma Palavra. A catequese de Mateus

nos oferece, neste domingo, clara reflexão acerca do tipo de ouvinte que o discípulo de Jesus quer ser.

Entender a Palavra de Deus significa ouvi-la, absorvê-la, assimilá-la em seu próprio pensar e sentir. Só assim a pessoa pode ser fecundada por essa Palavra, tornando-se, ela mesma, por seus atos, a Palavra de Deus. E só assim a pregação da Igreja será fecunda e produzirá frutos de vida nova.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de julho



“Senhor, sois bom, clemente e fiel!” (Sl 85,5)

I. INTRODUÇÃO GERAL

Continuando a leitura de Mt 13, com o tema do mistério do Reino dos Céus, a liturgia deste domingo apresenta três parábolas em que Jesus ensina a postura que seus seguidores devem assumir na construção do Reino. É preciso ter a paciência de Deus, saber acolher a todos e esperar, no tempo oportuno, que Deus mesmo aja, segundo sua justiça. Esse modo de proceder nos vem pela sabedoria divina, que nos ensina a acolher os tempos e modos de Deus. Seu Espírito, que ora em nós, auxilia-nos em nossa fragilidade humana, conformando nossa vontade ao seu projeto.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 12,13.16-19): O Senhor é justo e compassivo

O livro da Sabedoria afirma que Deus é o Senhor absoluto de todas as criaturas e não há outro maior que ele. Por essa

razão, ninguém pode pedir-lhe contas de suas ações em relação aos pecadores, pois Deus é tanto justo quanto misericordioso, dando sempre preferência ao exercício da misericórdia. Seu senhorio é o princípio da sua justiça, na qual não pode equivocar-se, pois todas as ações do ser humano são transparentes a seus olhos. Deus mede com exatidão as possibilidades de cada um, a força e a debilidade. Não pode equivocar-se em seus juízos e sentenças, e seu senhorio o faz ser compassivo com todos. Há uma relação intrínseca entre a onipotência e a justiça divinas.

Ao contrário, aqueles que se consideram bons e piedosos gostam de repartir as pessoas em boas e más, a ponto de projetar em Deus esse tipo de divisão. Quando se dão conta de que Deus não tem esse proceder, chegam até a acusá-lo! A justiça dos ímpios tem como norma “a força”, que é a violência. Por isso atropelam, de forma iníqua, os mais débeis, demonstrando com isso sua prepotência e covardia.

A sabedoria de Deus manifesta-se tanto na paciência com que trata os pecadores quanto no juízo. Deus é justo e condescendente porque é Senhor de todas as criaturas, e sua força manifesta-se, assim, no exercício de sua justiça. Na mansidão com que trata seus “inimigos”, Deus ensina seus eleitos a moderar a justiça com misericórdia e a esperar a misericórdia dele.

2. II leitura (Rm 8,26-27): O Espírito Santo auxilia nossa fraqueza

Fé e esperança são antecipações daquilo que ainda não possuímos (Rm 8,24). Assim, nossa vida cristã é uma vida a caminho, que está a amadurecer, num processo constante de crescimento. Nesse caminhar, o Espírito de Deus, adotando

Sermões do XII ao XXIII Domingo depois de Pentecostes – Vol. 3

São João Maria Vianney, o Cura d'Ars



416 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

Este terceiro volume dos Sermões de São João Maria Vianney (1786-1859) contém as homilias do padroeiro dos sacerdotes do mundo inteiro sobre muitos temas: os mandamentos de Deus; o primeiro mandamento de Deus; o amor ao próximo; a absolvição; e muitos outros.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

nossa fraqueza, ajuda a alma a se desenvolver desde sua infância espiritual. O Espírito não remove a fraqueza, mas nos ajuda na nossa debilidade. O apóstolo menciona um aspecto específico da nossa fraqueza, a oração. Muitas vezes, não sabemos o que pedir. Mesmo quando pensamos que sabemos o que pedir, nosso julgamento pode estar errado. Como o Espírito conhece tanto o “abismo” do ser de Deus quanto o do coração humano – ao contrário de nós, que não temos bastante amplidão de ambos –, seu “soprar” em nós é um gemido dirigido a Deus, que intercede em favor dos santos, dos que lhe pertencem. E Deus, diante de quem nossos pensamentos são como um livro aberto, reconhece nos gemidos “inefáveis”, em nosso ser mais íntimo, a voz do Espírito intercedendo por nós, em harmonia com sua própria vontade, e responde de acordo. Assim, já nos faz ser santos.

3. Evangelho (Mt 13,24-43): “O joio e o trigo”

As três parábolas – o joio e o trigo, o grão de mostarda e o fermento – falam-nos do mistério do Reino dos Céus, que, em sua grandeza e força, abriga a todos, bons e maus, na paciente espera divina de verdadeira conversão.

A parábola do joio e do trigo nos adverte de que o tempo da Igreja é o tempo da sementeira e do crescimento. E também de que o hoje é tempo de coexistência de bons e de maus, de puros e de pecadores, de bem e de mal, pois nem todos os que estão na Igreja são dela, são eleitos. No entanto, tentar realizar clara separação entre “bons e maus” é algo historicamente impossível, pois somente Deus, que perscruta o coração humano, poderá, no último dia, separar o joio do trigo. É a paciência de Deus.

É papel da Igreja, neste tempo da paciência de Deus, continuar com sua sementeira, mesmo que coexistam o bom grão e a erva ruim e ambos cresçam um ao lado do outro. O importante é que essa realidade não nos impeça de trabalhar pelo crescimento do Reino, o que implica não permitir que a impaciência e a intolerância sejam “armas” de combate ao mal. Deus, em sua bondade e compaixão, aguarda que talvez o pecador ainda se converta. Fazer um julgamento apressado poderá, assim, impedir que haja verdadeira conversão por parte do pecador, e essa postura é contrária à proposta do Evangelho anunciado por Jesus. Por isso, vivamos o agora como tempo da misericórdia, do acolhimento dos pecadores, da conversão proposta a todos, sem distinção, sem preconceitos.

As parábolas do grão de mostarda e do fermento referem-se ao incrível crescimento do Reino de Deus. Este, embora seja como um humilde grão de mostarda nos seus inícios, alcança amplidão histórica inegável, e sua força interior fermenta a vida de quem trabalha pela construção de um mundo melhor, mais justo e solidário.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Há pessoas que se sentem no direito de discriminar as outras por se acharem “defensoras” da moral e dos costumes na Igreja. Tomam uma atitude de juiz, pretendendo separar o justo do injusto, o preto do branco, os de cima dos de baixo, os bons dos maus. Na verdade, porém, tais pessoas se equivocam no conhecimento de Deus, da proposta do seu Reino, iniciado em Jesus Cristo. No tempo em que vivemos, marcado por tanta intolerância e superficialidade, faz-se necessária uma catequese mistagógica, centrada na Palavra de Deus, como processo de

desconstrução do “Deus juiz-castigador” e de experiência profunda e transformadora do “Deus juiz-compassivo”. Só assim nós, cristãos, veremos as pessoas com os olhos bondosos e misericordiosos do Deus de amor, Pai de Jesus Cristo e nosso.

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM
30 de julho



Investir tudo no Reino!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos apresenta o Reino em parábolas com a finalidade de incentivar os discípulos a investir tudo o que têm no maior de todos os tesouros: Jesus Cristo. Nele todos são predestinados a viver a vida divina, desejada por Deus desde toda a eternidade. No entanto, é necessário saber escolher com sabedoria, discernir em que realmente vale a pena investir a vida: nos bens que passam ou naquilo que é eterno.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 3,5.7-12): Salomão não pede riqueza, mas sabedoria

No começo de seu reinado, Salomão pede a Deus sabedoria, isto é, o dom de julgar e decidir acertadamente, para bem governar seu povo. O próprio fato de reconhecer tal necessidade e não pedir vida longa nem riqueza já mostra sua sabedoria. Por isso, sua prece é ouvida e, além da sabedoria, Deus lhe concede coisas menos importantes, como riqueza, fama e longa vida.

Lendo o livro de Miqueias

Profecia de julgamento e de promessa

Shigeyuki Nakanose, svd



72 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra retrata o cenário histórico marcado pela opressão dos líderes governamentais e pelas disputas entre nações, cujas consequências eram o sofrimento e a exploração dos camponeses mais pobres. Nesse contexto, surge a voz profética que clama por um reino unificado e livre de injustiças.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

O pedido de Salomão é modelo de espiritualidade e humildade, pois almeja um coração cheio de discernimento. O coração, na concepção bíblica, é o centro da percepção e do juízo pessoal. Discernimento significa, na raiz, “ouvir”. Portanto, para bem governar seu povo, um rei precisa ter habilidade para ouvir, antes de formar um juízo e, assim, “ministrar a justiça” (v. 11). O pedido de Salomão agradou a Deus, que lhe concedeu um coração sábio e capaz de discernir. Essa sabedoria não diz respeito a conhecimento filosófico, mas sim à sabedoria prática, que torna alguém capaz de avaliar pessoas e situações adversas e, dessa forma, agir com justiça.

2. II leitura (Rm 8,28-30): Predestinados a ser conformes à imagem do Filho

Acolher o Evangelho de Jesus Cristo é experimentar o chamado de Deus a participar de sua obra redentora. Em Jesus, todos somos predestinados à filiação divina, objeto de amorosa eleição, pois a salvação é dom gratuito de Deus. Por amor, o Pai nos insere no seu projeto eterno, centrado em Cristo: criar uma humanidade nova, conforme “à imagem de seu Filho, para que fosse o primogênito de muitos irmãos” (v. 29). O cristão tem consciência dessa eleição. Mesmo com as ameaças e dificuldades do mundo presente, em meio às perseguições e hostilidades, a fidelidade divina nos oferece plena garantia. Podemos confiar em Deus. A certeza da fé é que “tudo concorre para bem daqueles que amam a Deus” (v. 28). A salvação é garantida aos seus eleitos, chamados por ele a participar da vida divina em Jesus. Enquanto isso, o projeto eterno do Pai realiza-se na história de forma parcial e imperfeita, até o cumprimento final, com a glorificação dos seus filhos e filhas. Essa confiante

certeza apoia-se sobre a fidelidade de Deus a Jesus – por meio de quem realiza seu projeto salvador – e aos seus irmãos e irmãs, a todos os que acolheram o Evangelho da salvação.

3. Evangelho (Mt 13,44-52): O tesouro do Reino de Deus

No Evangelho, Jesus continua ensinando em parábolas sobre o mistério do Reino. As duas primeiras aludem a dois caminhos para alguém chegar ao Reino dos Céus. A primeira parábola, a do tesouro, fala-nos da experiência de encontro do Reino, que irrompe na vida sem preparação. Isso acontece, muitas vezes, em virtude de uma experiência de sofrimento ou perdão, na qual a pessoa é tocada profundamente. Tal experiência requer dela uma decisão radical, a ponto de tudo abandonar para participar do Reino. A segunda, a da pérola, já nos apresenta a entrada no Reino após longa busca, motivada pelo desejo sincero de mudar de vida. Muitas vezes, são pessoas que almejam algo mais em sua vida, que vivem numa busca constante de algo que as preencha. Quando fazem a experiência de encontro com Jesus, assumem com imensa alegria o projeto do Reino, abrindo-se à bondade e à solidariedade da vida em Cristo.

A última parábola, a das redes, ensina-nos que não basta ser pescado para o Reino, é preciso decidir-se por ele – ou seja, por Jesus, pois nele o Reino se torna presente e atuante, assim como em quem o segue, apostando nele a própria vida. Quem verdadeiramente descobre em Jesus seu verdadeiro tesouro adquire a sabedoria de viver uma vida em harmonia com Deus, consigo mesmo e com os outros. Encontra, pois, sentido na vida, no amor a Deus e aos irmãos e irmãs.

A pergunta “compreendeis?”, dirigida aos discípulos que somos nós, solicita abertura sincera para acolher todas as palavras. Significa que o discípulo bem instruído no Reino será capaz de tirar do tesouro coisas “novas e velhas”, ou seja, será capaz de reler as tradições antigas à luz do novo ensinamento de Jesus. Em outras palavras, o cristão não é um propagador de doutrinas engessadas, mas “mestre” capaz de adequar a linguagem e o ensinamento da fé aos novos tempos, sem, contudo, perder sua essência.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Numa sociedade de consumo, a pessoa vale pelo que tem, por seu *status*, conexões e riqueza. Muitos “seguem” tais pessoas como “gurus” espirituais, em busca de encontrar satisfação pessoal imediata, nos bens materiais e na notoriedade. Essa busca desenfreada por notoriedade não seria ânsia vã de preencher uma existência sem sentido? O tema central desta liturgia dominical é o investimento da pessoa naquilo que é seu valor supremo. Acolher o Reino significa acolher Jesus, sua vida e ensinamentos. Significa estarmos dispostos a investir “tudo”, o que temos e somos, numa pessoa concreta, Jesus Cristo, como o mais precioso de todos os bens. E, a exemplo de Jesus, viver uma existência em prol dos irmãos e irmãs.

Quanto à predestinação, não significa que Deus escolheu de antemão um grupo de “santos”, uma categoria privilegiada de cristãos, para participar de seu projeto de salvação. O chamado de Deus dirige-se a todos os seres humanos, pois todos são vocacionados a responder ao desígnio amoroso de Deus. Contudo, é pela fé, pela adesão a Jesus, o primogênito dentre os mortos, que o cristão assume efetivamente essa vocação em sua vida.

As 55 bem-aventuranças do Novo Testamento

Impactos sociológicos, jurídicos, econômicos e teológicos – Exegese e hermenêuticas

Isidoro Mazzarolo



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra apresenta o caminho das bem-aventuranças, revelando como elas vão além dos discursos proferidos no Sermão da Montanha e impactam nossa sociedade. Para tanto, baseia-se no estudo dos textos gregos originais do Novo Testamento que as abordam, bem como numa tradução cuidadosa e detalhada.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



Este é o meu Filho amado

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na solenidade da Transfiguração do Senhor, somos convidados a experienciar antecipadamente a glória de Deus, manifestada em Cristo, como estímulo para nos pormos a caminho na realização de seu projeto salvífico. Deus instaurará seu Reinado por meio do Filho do Homem, que estenderá seu domínio a todos os povos e nações, quando vier na sua glória. Enquanto espera, é papel da comunidade dos seguidores de Jesus conservar o ensinamento de seu Mestre, combatendo ideias errôneas acerca do mistério salvífico – morte, ressurreição e vinda gloriosa de Jesus – mediante o testemunho das Escrituras e dos apóstolos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dn 7,9-10.13-14): O Filho do Homem

O livro de Daniel situa-se no contexto da dominação selêucida, no século II a.C., que desencadeou a perseguição aos judeus e, em consequência, a resistência dos Macabeus. Nesse contexto, o profeta tem uma visão noturna na qual um Ancião ocupa seu lugar no trono e, entre as nuvens do céu, chega “um como filho do homem”, que é conduzido à presença do Ancião.

Essa visão representa o julgamento das nações, presidido pelo Ancião de muitos dias, o juiz eterno. A abertura da seção

do tribunal divino é descrita por Daniel mediante a indicação de que os livros se abriram. Em seguida, eis que vem “um como filho do homem”, um ser humano que vem da parte de Deus, a quem foram dados o poder, a glória e a realeza, para submeter todos os povos e nações ao seu domínio. Essa imagem humana contrapõe-se às imagens das feras, figuras dos reinos pagãos (Dn 7,4-7) que subjugaram o povo de Israel em vários períodos da história. A chegada do filho do homem significa que o rei messiânico instaurará o Reinado de Deus em favor de todos os povos e nações, será um Reinado eterno. Tal esperança messiânica da tradição judaica será reinterpretada pelos cristãos, que verão em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, a realização dessa visão profética.

2. II leitura (2Pd 1,16-19): Testemunhas oculares da glória do Senhor

Nesse trecho da carta, Pedro apresenta seu testemunho acerca da transfiguração com a finalidade de dar força à sua pregação sobre a volta gloriosa do Senhor Jesus, fato contestado por alguns cristãos que se desviaram da reta doutrina. Também com o testemunho das Escrituras Pedro mostra à comunidade seu cumprimento, reforçando, assim, a fé na vinda do Senhor, mediante o duplo testemunho dos apóstolos e das Escrituras.

Pedro quer assegurar que o anúncio do regresso de Jesus Cristo não é produto de fábulas artificiosas ou mitos, mas resultado da revelação de Deus. Isso porque, diferentemente dos falsos mestres, a pregação dos apóstolos não se funda em um entendimento próprio, mas sim no testemunho fidedigno do que eles que viram e ouviram: a glória de Jesus, quando se transfigurou no monte. Junto às testemunhas Pedro, João e Tiago, o Senhor manifestou algo

de sua glória e estes ouviram a voz do Pai, que dava testemunho de aprovação de seu Filho, Jesus Cristo. A transfiguração foi como uma antecipação dessa glória, a qual o Senhor manifestará em sua revelação no fim dos tempos.

3. Evangelho (Mt 17,1-9): A transfiguração para os discípulos

Em Mateus, o episódio da transfiguração integra o ensinamento de Jesus sobre o discipulado. Cabe ao discípulo seguir seu Mestre no caminho (16,24-28), dando ouvido à sua voz, que é a do Filho amado de Deus. Esse trecho situa-se imediatamente depois do anúncio da paixão e morte do Filho do Homem (16,21), do protesto de Pedro (16,22-23) e da exortação aos discípulos para seguir o Mestre na *via crucis* (16,24-28). Isso quer significar que, para além da paixão, existe para Jesus um futuro de glória divina; que o Crucificado é o Filho do Homem, que virá, no fim, no resplendor da sua divindade. O Servo sofredor de Deus e o Filho do Homem glorioso estão unidos na mesma pessoa. Essa visão gloriosa do Senhor deve ser, para os discípulos de ontem e de hoje, um estímulo para seguir confiantes seu Mestre pelo caminho da cruz, com a certeza da vitória sobre a morte.

Nas figuras de Moisés e Elias, Mateus apresenta o testemunho das Escrituras a respeito do Messias Jesus. A “tenda” que Pedro quer construir nos remete à tenda do encontro, santuário móvel que acompanhou os hebreus em seu itinerário rumo à Terra Prometida. Para nós, cristãos, a “tenda” por excelência é a própria nuvem da presença de Deus, que está em Cristo Jesus e se faz presente na vida dos discípulos do Reino.

Assim, a solenidade da Transfiguração nos convida a nos deixarmos envolver pelo mistério do Filho, no qual o Pai põe todo

Despertar para a fé

Ian Farias de Carvalho Almeida



Imagens meramente ilustrativas.

Este livro oferece ao leitor algumas reflexões, não apenas do ponto de vista eclesial, mas principalmente da perspectiva de um jovem inquieto que busca compreender a verdade e a vontade de Deus em sua jornada. Ideias significativas para aqueles que buscam entender a presença de Deus na própria vida.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

seu beneplácito; a ouvi-lo com prontidão e a ele nos unirmos em obediência filial para, com ele, realizar o plano que o Pai lhe confiou com os plenos poderes do Filho do Homem, o enviado de Deus para instaurar seu Reinado eterno (Dn 7,14).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O testemunho fiel de Jesus Cristo tem seu fundamento no testemunho dos apóstolos, o qual não é artificial nem meramente humano, mas nasce de uma experiência pessoal com Jesus Cristo. A mensagem que essas testemunhas trazem fala sobre o poder salvador de Jesus Cristo e sobre sua segunda vinda gloriosa. A missão das testemunhas é, pois, transmitir o que foi visto e ouvido; dar a conhecer a obra salvadora de Jesus Cristo.

Na transfiguração, os discípulos fazem experiência do Cristo glorificado, a quem o Pai testemunha todo o seu amor e convida os discípulos a ouvir. Ouvir Jesus significa acolher seu destino de cruz e ressurreição, viver o seguimento como experiência da presença amorosa de Deus, que conduz e sustenta seus filhos e filhas no testemunho e na vivência do seu Reino.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de agosto



**“Coragem! Sou eu.
Não tenhais medo!”**

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da Palavra deste domingo nos oferece rica reflexão acerca do reconhecimento da presença de Deus na vida da comunidade. Seus caminhos são

sempre imprevisíveis! Somos desafiados a superar antigas convicções – o Deus das manifestações grandiosas e temíveis, dos fenômenos violentos da natureza – e a nos abirmos a novas experiências, como a do murmúrio da brisa suave. Em Jesus, Deus se manifesta como aquele que acompanha a comunidade em suas tribulações e está pronto para salvá-la, quando esta pede ajuda. É o Deus que quer salvar a todos, também aqueles que se recusam a reconhecê-lo em seu Filho, Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 19,9a.11-13a): Deus não está na tempestade

Elias, o grande profeta do combate à idolatria, por causa de sua luta contra os sacerdotes de Baal, é perseguido por Jezabel e foge para o Horeb, monte no qual Moisés experimentou a presença de Deus (Ex 19,16ss; 33,18-23). Tradicionalmente, a teofania era acompanhada por elementos da natureza. No entanto, Deus fala a Elias não nos elementos violentos da natureza – tempestade, terremoto, fogo –, mas no murmúrio de uma brisa leve.

Essa experiência é muito significativa, sobretudo se olharmos para a ação de Elias, que invocou o fogo do céu sobre os sacerdotes de Baal, no monte Carmelo. No Horeb, Deus o faz experimentar que nem sempre o zelo é vitorioso nem a violência faz parte de sua vocação, mas sim o serviço paciente. Para isso, é preciso aprender que Deus não está necessariamente nas coisas grandiosas ou violentas, mas na leveza de uma brisa que passa, muitas vezes, despercebida. É a partir dessa percepção de Deus que Elias recebe nova missão.

A narrativa de Elias nos convida a aguçar nossa percepção de Deus, que não está necessariamente nas coisas grandiosas, mas naquilo que significa paz e refrigério

– algo que urge em nossos dias, em que tanto se destaca, como “manifestação” de Deus, o suntuoso, o barulhento e o “maravilhoso”. Se a experiência religiosa não vier acompanhada de nenhuma “manifestação prodigiosa”, a impressão é que Deus aí não está. Uma religiosidade “mágica” facilmente acredita que Deus se manifesta nos fenômenos que simbolizam força, que causam temor e espanto. Não é isso, com efeito, que nos revela Jesus Cristo! Diante dos apóstolos, que estavam lutando contra o vento, no barco, Deus se manifesta em Cristo, acalmando a tempestade (Mt 14,22-33).

2. II leitura (Rm 9,1-5): Preocupação de Paulo com o destino de Israel

Paulo revela nesse trecho sua preocupação com o destino de seu povo, os judeus. Sendo eles os primeiros destinatários da promessa divina, correm o risco de ficar de fora da salvação por não aceitarem Jesus como Messias. O apóstolo ama seu povo com amor profundo e até renunciaria à própria salvação se, com isso, seus irmãos judeus tivessem a salvação (v. 3). Em vários momentos da história, Deus manifestou-se ao seu povo, prometeu-lhe libertação e salvação. Só a ele Deus deu seu nome; só a ele chamou de filho; só a ele se revelou no Sinai, na tenda do encontro, no templo, com toda a sua glória (v. 4). Paulo lembra que é desse povo que descende, quanto à sua humanidade, o Cristo (v. 5). No entanto, os judeus recusaram a salvação oferecida em Jesus Cristo. Será então que Deus falhou em suas promessas? Para Paulo, Deus é fiel às suas promessas; tem seus planos, sua ação é absolutamente livre. O plano de salvação, mesmo aberto aos gentios, vale também para os judeus. O que se espera é que a misericórdia de Deus seja derramada também sobre Israel.

Celebrar o dia do Senhor

Ano A

Johan Konings e Francisco Taborda



360 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

A obra contém orientações para o aprofundamento das leituras bíblicas da liturgia dominical e festiva no Ano A do ciclo trienal, com o intuito de ajudar na preparação da celebração e da homilia, além dos eventuais comentários que integrem a celebração.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

3. Evangelho (Mt 14,22-33): “Homem fraco na fé, por que duvidaste?”

Após a multiplicação dos pães, no qual os discípulos participam da obra de Cristo, Jesus os envia para a outra margem do lago, enquanto se retira para orar, no monte. Esse “monte” nos remete ao Horeb/Sinai, lugar da revelação de Deus a Moisés, onde este é instruído; Elias também vai ao monte, onde encontra o Senhor no murmúrio de uma brisa suave (1Rs 19,12). No Evangelho, diversas vezes Jesus se retira para orar. Isso quer dizer que toda a experiência de Jesus, seus ensinamentos e ações são fundados numa relação íntima com o Pai.

Depois desse tempo de solidão, pela madrugada, Jesus vai ao encontro dos discípulos, andando sobre as águas. Estes se encontram em dificuldades, pois a barca é agitada pelas ondas, e, ao vê-lo, se assustam. Jesus se identifica mediante a expressão “sou eu”, que reproduz a fórmula com que Deus se revela a Moisés, na sarça ardente (Ex 3,14). Pedro, movido pelo ímpeto, pede para ir ao encontro de Jesus, caminhando sobre as águas, mas duvida e começa a afundar. É salvo por Jesus, que lhe repreende a falta de fé. Ao chegarem à barca, os ventos cessam.

O quadro refere-se, certamente, à situação da comunidade a que Mateus destina seu Evangelho, agitada por dificuldades e perseguição (Mt 5,11) e dotada de uma fé fraca, superficial, insuficiente para resistir aos embates do cotidiano. O próprio Pedro, apresentado como o tipo do discípulo, crê no Senhor, mas com fé tímida e insuficiente. A dúvida de Pedro significa que ele está dividido: por um lado, acredita no poder de Jesus, mas, por outro, teme as ondas do mar. Por isso, afunda nas águas. O Senhor, porém, está presente para salvar sua comunidade, embora muitas vezes sua presença não seja

percebida. Confiar nele é condição indispensável para que a comunidade não seja submergida e abatida pelas forças adversas, pela oposição e resistência do mundo ao projeto de Deus.

Nessa catequese mateana, a comunidade é instada a assumir uma atitude de confiança corajosa e suplicante naquele que conduz sua Igreja. Jesus incentiva seus discípulos a ter coragem e a manter viva a fé em meio às tribulações; manter a visão centrada no Cristo, e não nas dificuldades que enfrentam em sua missão de anunciar o Evangelho. Toda e qualquer dificuldade pode ser enfrentada quando existe na comunidade a convicção de que o Senhor a acompanha nas tribulações.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deus sempre nos surpreende! Sua transcendência nos impede de enquadrá-lo em nossa própria medida. Por isso, nem sempre o reconhecemos quando se manifesta no inesperado ou no inadequado aos nossos padrões. É preciso aguçar nossa percepção mediante o exercício contínuo dos nossos sentidos – escutar, ver, sentir –, em conexão com o mestre Jesus, que nos ensina a retirar-nos na solidão da intimidade com o Pai.

A preocupação que Paulo apresenta em sua carta quanto ao destino dos israelitas que não acolheram Jesus deveria nos inquietar. Muitos de nós vivemos nossa fé cristã indiferentes àqueles que, apesar de batizados, vivem uma vida afastada dos valores evangélicos, indiferentes à vida plena que o Senhor lhes quer dar. Não seria nossa responsabilidade testemunhar a essas pessoas os valores em que acreditamos e que conduzem à vida plena?

A comunidade cristã enfrenta e sempre enfrentou, no decorrer da história, adversidades em sua missão de anunciar o Evangelho: perseguição, sofrimentos, dificuldades, frustração, desânimo etc. Jesus, porém, está

sempre presente, escuta seu clamor e lhe estende a mão para salvá-la. Daí a importância da fé, de ter confiança em Jesus, de saber que ele não abandona os seus porque é o Emanuel, o Deus-conosco. As adversidades e provações, na vida do discípulo e da comunidade, também podem ser ocasiões propícias para o crescimento da fé, à medida que aprofundam sua relação com Jesus, o Filho de Deus.

SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

20 de agosto



Um grande sinal para a Igreja

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na solenidade da Assunção de Maria, a Igreja celebra sua própria assunção. Maria, como discípula fiel, é imagem da Igreja peregrina, que busca viver sua missão de gerar Cristo ao mundo em meio a perseguições e dificuldades. O sinal da vitória definitiva de Cristo é a ressurreição, a vitória sobre a morte, o que se realizará também na nossa. Maria já está associada a Jesus nessa vitória definitiva; nela, a humanidade redimida reconhece sua meta.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab):

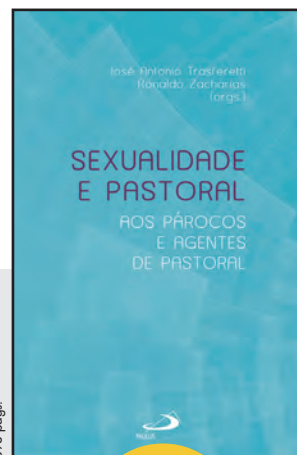
O sinal da Mulher

A visão abre-se com o templo de Deus no céu, dentro do qual se encontra a arca da Aliança, símbolo da presença do Senhor, que acompanha seu povo no deserto. A abertura do templo e a visibilidade da arca indicam que, agora,

Sexualidade e pastoral

Aos párocos e agentes de pastoral

José Antonio Trasferetti
e Ronaldo Zacharias (orgs.)



398 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

**CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK**

O livro aborda o tema da sexualidade no âmbito pastoral. O conteúdo divide-se em três partes: na primeira, são apresentadas as relações entre sexualidade, Igreja e pastoral; na segunda, a relação entre sexualidade, catequese e formação; na terceira, alguns desafios pastorais no âmbito da sexualidade.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

começou o tempo em que Deus estará presente no meio do seu povo. Em seguida, aparece um grande sinal no céu, uma mulher coroada pelos astros, pelas obras da criação. A coroa expressa a vitória final já obtida. Essa representação alude ao sonho de José, filho de Jacó, em que seus onze irmãos o rodeavam como onze estrelas (Gn 37,9). As doze estrelas indicam que a mulher é não apenas o povo das doze tribos de Israel, o povo de Deus do qual nasce Jesus, mas também o novo Israel, a Igreja, que dá à luz o Messias.

Outro sinal aparece: o dragão, cor de fogo, com sete cabeças, dez chifres e sete coroas, características que expressam o poder humano. Segundo Dn 7,7.24, são os governantes dos impérios, os poderes do mundo, que querem destruir o povo de Israel. No século I d.C., o dragão simboliza os poderes do mal, representados pelo Império Romano, que havia desencadeado perseguição contra a Igreja e seus fiéis, com o propósito de destruí-los.

O dragão estava pronto para devorar o filho da mulher assim que nascesse, mas este é levado para junto de Deus, enquanto a mulher foge para o deserto. A imagem deixa claro que o filho que a mulher dá à luz é o Messias. Ele apascenta as nações com cetro de ferro (Is 66,8; 7,14). Exerce seu senhorio, porque venceu a morte e está sentado à direita de Deus. O deserto é o lugar onde Deus havia conduzido seu povo e dele cuidado, enquanto seguiam rumo à Terra Prometida. Assim, a mulher representa o novo povo de Deus, a Igreja, comunidade dos seguidores de Cristo. Enquanto aguarda a vinda do Senhor, suporta a perseguição, mas com a firme convicção da vitória de Cristo, proclamada na voz vinda do céu.

2. II leitura (1Cor 15,20-27a): A vitória de Cristo sobre a morte

Nesse trecho da carta, Paulo recapitula sua própria fé: Cristo já ressuscitou. Sua ressurreição é promessa de vitória definitiva sobre a morte a todos os que morreram. Ela se realizou na sua própria morte e se realizará na nossa. Assim como os primeiros frutos da terra dão a certeza de uma boa colheita, a ressurreição de Cristo, como primícias dos que morreram, nos dá a garantia da nossa ressurreição nele.

Como em Adão todos morreram, assim também em Cristo todos reviverão (v. 22). Paulo desenvolve a reflexão acerca da solidariedade humana, tanto no pecado e na morte como na ressurreição. As consequências universais do pecado de Adão indicaram uma necessidade universal de salvação: o pecado trouxe a morte a todos. A ressurreição de Cristo, que salva a todos do domínio da morte, traz vida a todos. A morte faz parte da vida humana. Cristo se tornou homem e, com isso, transformou toda a realidade humana, mediante sua ressurreição. Como primícias, a ressurreição no passado é uma promessa para o futuro.

3. Evangelho (Lc 1,39-56): Bem-aventurada aquela que acreditou

Esse belíssimo trecho do relato da infância está em íntima conexão com o relato da anunciação a Maria e interpreta o sentido dos fatos ali narrados. Isabel interpreta a admiração dos fiéis diante daquilo que Deus operou em Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!” (v. 42). Maria, a mulher simples e humilde, acolheu o projeto de Deus com a verdadeira disposição de quem confia plenamente. Ela é modelo de discipulado, de quem ouve a Palavra e a põe em prática. Põe-se

a serviço do Reino de Deus, sendo a primeira proclamadora da chegada da salvação divina.

Na resposta de Maria a Isabel, compreende-se que o mistério do agir divino – um agir de pura graça – não se baseia no poder humano, mas sim no pequeno e humilde que se dedica ao serviço amoroso de sua vontade. Deus recorre aos humildes, assim como Maria, para realizar suas grandes obras. É a pedagogia de Deus! Escolhe o lado de quem, aos olhos do mundo, é insignificante, os “pobres do Senhor”, para manifestar sua grandeza e sua glória.

Na figura de Maria apresentada por Lucas, o discípulo de Jesus tem seu modelo em que se inspirar. No sim de Maria, em sua total disponibilidade para o projeto de Deus, a comunidade dos simples e humildes vê claramente a ação poderosa do Senhor não por intermédio dos poderosos, mas sim dos pequenos e humildes, de quem tem fé no cumprimento das promessas de Deus e se compromete com sua Palavra.

Pois bem, a glorificação de Maria no céu é a plenificação de sua caminhada de fé, de sua entrega total e incondicional a Deus e a seu projeto salvífico. Nela é coroada a fé e a disponibilidade de quem se torna servo da justiça e da bondade divina, sendo impotente aos olhos do mundo, mas grande na obra que Deus realiza.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na solenidade da Assunção de Maria, Mãe do Senhor e nossa Mãe, modelo de discípula, a homilia não deve focar o devocionismo exagerado. Nas leituras propostas, Maria é apresentada como imagem da Igreja, que luta contra as forças do mal, enquanto gera o Messias ao mundo. Enquanto Mãe da Igreja, Maria é modelo de firmeza e dedicação ao projeto

Origem do sofrimento do pobre

Teologia e antiteologia no livro de Jó

Luiz Alexandre Solano Rossi



O autor retrata o livro de Jó como um protesto contra os efeitos opressivos do governo persa na Judá pós-exílica, os quais ele vê como o estímulo para a teologia da retribuição e da prosperidade, tão atacadas na narrativa.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

de Deus. Nela todos os fiéis vislumbram sua vocação e seu destino: participar da bem-aventurança eterna na plenitude dos tempos.

21º DOMINGO DO TEMPO COMUM

27 de agosto



A profissão de fé feita por Pedro e o “poder das chaves”

I. INTRODUÇÃO GERAL

Durante o reinado de Ezequias, Sobna tinha o poder das chaves da casa de Davi, isto é, a administração da família real, mas Deus a transfere a Eliacim, com a tarefa de exercê-la como um pai: com solicitude, amor e justiça. Essa mesma tarefa recebe Pedro, o porta-voz da Igreja, que professa sua fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, e por isso recebe as “chaves” do Reino. Paulo, em sua carta, convida-nos a contemplar a imensidão da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus, do mistério de seu amor, revelado em Jesus Cristo para a salvação de toda a humanidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 22,19-23): “Eu o farei portar aos ombros a chave da casa de Davi”

No meio dos oráculos de Isaías contra as nações pagãs, ouvimos o oráculo contra Sobna, o administrador do palácio, no reinado de Ezequias (2Rs 18,18.26.37). Sobna será destituído de suas funções, despojado das insígnias do poder, que será transmitido a Eliacim, filho de Helcias. O simbolismo das chaves é particularmente sugestivo: o mordomo-prefeito

do palácio conservava em seu poder as chaves do palácio real, administrava os bens do rei, tinha a tarefa de admitir ou recusar as pessoas diante do rei, como também a responsabilidade de sua hospedagem.

Eliacim é denominado “pai para os habitantes de Jerusalém”: aquele que dirige a casa, exerce o serviço com solicitude, amor e justiça. Mas também o desempenhará com grande firmeza. Grande esperança é depositada em Eliacim e na forma como ele desempenhará suas funções. Isso porque, diferentemente de Sobna – que não pertencia ao povo judeu nem tinha nada que ver com este (Is 22,16) –, Eliacim, filho de Helcias, pertencia ao povo. Seria, pois, condescendente com o povo que ele iria representar (v. 21), em vez de andar em “carruagens esplêndidas” (Is 22,18) como Sobna, que não conseguia nem disfarçar suas reivindicações de poder. Enquanto Sobna se comportava como uma vergonha para a casa de seu senhor, o rei (v. 18), Eliacim constituiria “um trono de glória para a casa de seu pai” (v. 23).

Esse trecho, que relata um episódio doméstico, prepara-nos para entender melhor o Evangelho proposto na liturgia deste domingo. Define em que consiste o verdadeiro serviço “das chaves”: serviço da autoridade na comunidade, não como um governo despótico, mas como um pai, que exerce sua responsabilidade com solicitude, amor e justiça.

2. II leitura (Rm 11,33-36): Como é insondável a sabedoria de Deus

Esse trecho de Romanos encerra os capítulos 9-11, em que Paulo, em sua reflexão, mostrou o espanto diante do fato de não Israel, mas as nações pagãs terem sido as primeiras a encontrar a salvação pela fé. Adicionalmente, o apóstolo

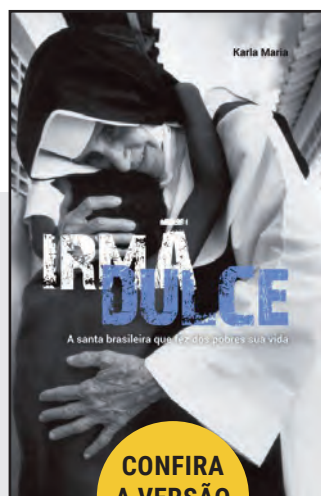
mostrou sua convicção de que Israel, por ser o povo de Deus, seguiria, afinal, o caminho das promessas que lhe foram feitas em primeiro lugar. No final dessa reflexão, Paulo tece belíssimo hino de louvor, reconhecimento e adoração, exaltando o desígnio salvador de Deus pela maravilha e pelo mistério de seu proceder na salvação da humanidade. Nesse hino, ele reconhece que os desígnios de Deus são misteriosos e ultrapassam infinitamente a capacidade de compreensão e de entendimento do ser humano. Os julgamentos ou projetos divinos são descritos como incompreensíveis. São “insondáveis”, “impenetráveis”, “indecifráveis”. Seus caminhos – ou seja, os meios que Deus emprega para alcançar seus propósitos – são descritos como “insondáveis”. Isso significa que sua pegada pode ser detectada, mas é impossível segui-la até o fim. O modo de proceder de Deus não pode ser entendido pelo ser humano. É somente se submetendo a seus julgamentos e caminhos que a humanidade pode provar que eles estão corretos.

Em outras palavras, Deus está para além da imaginação do ser humano; ele é sempre “mais”. Ao ser humano resta somente reconhecer a própria pequenez, os próprios limites e finitude. Em suma, a própria incapacidade de compreender totalmente esse Deus transcendente, desconcertante e incompreensível. O que resta, então, é lançar-se com confiança nos braços de Deus, acolher humildemente sua Palavra e procurar seguir, com simplicidade e amor, seus caminhos. Isso se chama fé! Ter fé é entregar-se confiantemente nas mãos de Deus, mesmo quando não se entende o alcance total de seu projeto, e, a exemplo de Paulo, deixar-se extasiar por esse grande mistério de amor.

Irmã Dulce

A santa brasileira que fez dos pobres sua vida

Karla Maria



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro apresenta detalhes históricos sobre Irmã Dulce. Sua vida e milagres são reconstruídos a partir de um trabalho de apuração e de escuta atenta das testemunhas que conviveram com a freira que dedicou sua vida a amar e servir.

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

paulus.com.br

3. Evangelho (Mt 16,13-20):

A profissão de fé feita por Pedro e as chaves do Reino

O texto do Evangelho nos apresenta duas importantes dimensões do discípulo cristão: a confissão de fé em Jesus, o Cristo e Filho de Deus, e o serviço aos irmãos e irmãs na comunidade de fé. É por meio de Pedro, a quem foi confiada a responsabilidade pelo governo da Igreja, que Mateus nos oferece sua catequese.

Jesus procura verificar junto aos discípulos a compreensão acerca de sua identidade. A primeira pergunta tem em vista saber até que ponto os discípulos estavam cientes da opinião das pessoas a respeito de Jesus. Como resposta, os discípulos apresentam quatro opiniões populares que refletiam as diversas esperanças messiânicas da época. O que, porém, interessa mesmo a Jesus é a compreensão deles, a qual deve diferir das opiniões do mundo. Diante da segunda pergunta de Jesus, Pedro, como porta-voz, mostra que os discípulos vislumbram sua missão de Messias, de Filho de Deus. Então, Jesus confirma Pedro na sua função de porta-voz da fé eclesial e lhe atribui o “poder das chaves”, responsabilidade que assume por sua proclamação de fé messiânica.

A entrega das chaves equivale à nomeação de “administrador do palácio”, como vimos na primeira leitura; aquele que administrava os bens régios tinha a tarefa de admitir ou recusar as pessoas diante do rei, como também a responsabilidade de sua hospedagem etc. Assim, Jesus nomeia Pedro como “administrador” e supervisor da Igreja. Sua resposta de fé, em nome da Igreja, prefigura seu carisma de enunciar a palavra decisiva quando é preciso formular o que a Igreja, de forma inevitável, assume na

sua fé. O responsável tem também a última palavra no governo; ou seja, exerce, em nome de Deus, como “mordomo” de Cristo, a disciplina na comunidade. Nesse sentido, Pedro é o “vigário” de Cristo aqui na terra.

Mateus está, portanto, em sua catequese, afirmando que a base firme sobre a qual vai se assentar a Igreja de Jesus é a fé que Pedro e a comunidade dos discípulos professam: a fé em Jesus como o Messias, Filho do Deus vivo. É dessa fé que surge o serviço aos irmãos e irmãs.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Refletir sobre a lógica e o sentido do poder, que consiste em um serviço à comunidade e deve ser exercido com solicitude, cuidado, compreensão, tolerância, misericórdia etc., mas também com a firmeza com que um pai conduz e orienta os filhos.

O texto de Romanos nos convida a refletir sobre Deus, a mergulhar no seu mistério, a perceber que Deus, na sua infinita sabedoria, nos ultrapassa completamente. O verdadeiro crente não sabe tudo sobre Deus, mas abre-se à experiência de deixar-se tocar por seu amor indizível. Deve deixar que o silêncio amoroso de Deus pouse em seu ser, a ponto de abismar-se na contemplação de seu mistério, entregando-se confiantemente em suas mãos.

Reconhecer Jesus como Messias, Filho de Deus, significa aderir à sua proposta de salvação e de vida plena, destinada a todos os seres humanos. Só a partir daí é que a Igreja terá a missão de testemunhar a cada homem e a cada mulher a proposta de salvação que Cristo veio oferecer. É pela fé que o discípulo de Jesus poderá exercer a autoridade na comunidade como serviço aos irmãos e irmãs, no amor e na justiça.

vp

Orações, músicas, ilustrações e linguagem próprias para as crianças celebrarem a missa com alegria e compreensão.



Este semanário litúrgico-catequético propõe a vivência da missa junto às crianças. O folheto possui linguagem adequada aos pequenos, bem como ilustrações e cantos alegres para que as crianças participem, com prazer e alegria, da Eucaristia.

Assine e garanta os descontos exclusivos.
Entre em contato e saiba mais!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
assine agora



ECOANDO

FORMAÇÃO INTERATIVA COM CATEQUISTAS



Uma revista a serviço do catequista!

A revista *Ecoando* é um subsídio completo para a formação do catequista. Em toda edição, você encontra temas atuais, informações e novas ideias para elaborar os encontros de catequese.

Assine já e receba a revista na sua casa ou paróquia!

Na revista você encontra:



Sugestões de dinâmica em grupo



Lições da Bíblia



Oficinas criativas para trabalhar em grupo



Temas da atualidade



Artigos para os catequistas



Metodologia catequética



Psicopedagogia catequética



Formação contínua para o ministério do catequista

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f i @editorapaulus



Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!


PAULUS